



O Livro de Fátima

VOLUME 1

*Esboço filosófico sobre a busca da Paz na Terra:
A Desconstrução da Ideia de Si e da Sociedade.*



Instituto do Estudo da Filosofia de Fátima
Rio de Janeiro - RJ
2025

**CATALOGAÇÃO PREPARADA NA
PRÓPRIA EDITORA**

Ben, Fernando.

O Livro de Fátima | Fernando Ben.

Rio de Janeiro, RJ: IEFF, 2025, 150 páginas; 14,8x21 cm.

ISBN 978-65-85015-07-3 by IEFF.

Título: O Livro de Fátima | Volume I

Subtítulo: Esboço filosófico sobre a busca da Paz na Terra: A Des-
construção da Ideia de Si e da Sociedade.

Fevereiro, 2025. Publicado no Brasil.

Published in Brazil.

Transcrição: Luiza Dutra.

Correção ortográfica: Rosana Andrade.

Arte da capa: Lianny Maria Forte.

Miolo e edição: Thais Ben.

Imagem de Fátima na Capa: Yuri Levi

A Filosofia de Fátima é uma Filosofia de Vida Inter-religiosa, fundada por Fernando Ben em 2018, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

Índice

AGRADECIMENTOS	7
PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	13
BOAS-VINDAS.....	17
PARTE I – O SER.....	19
O QUE SOMOS?.....	19
NOSSA CONSTRUÇÃO	27
AS EMOÇÕES	30
A MEMÓRIA.....	34
A EXPERIÊNCIA HUMANA NA TERRA	41
A IDEIA PRIMORDIAL: A FORÇA CRIADORA	55
DIFERENTES PERSPECTIVAS DIMENSIONAIS.....	63
O SER NA TEMPORALIDADE.....	70
AS RELIGIÕES.....	73
A DESCONSTRUÇÃO DA IDEIA DO INDIVÍDUO	78
A MORTE É TRANSFORMAÇÃO.....	81
PARTE II – A TERRA	87
A VIDA EM SOCIEDADE	87
ENCARNAÇÕES COLETIVAS	91
IDEIAS COLETIVAS.....	95
GUERRAS E O INSTINTO DE SOBREVIVÊNCIA.....	103
A PAZ NA TERRA	107
A TECNOLOGIA E DESPERSONALIZAÇÃO DO HUMANO	110
O AMOR COMO AÇÃO RESTAURATIVA	115
A MORTE DAS RELIGIÕES E A FILOSOFIA COMO DIÁLOGO UNIVERSAL	119
A IDEIA DO SER COMO CENTRO DA TERRA.....	123
A NATUREZA E VIVER EM HARMONIA	127
A TERRA E A TEMPORALIDADE.....	132
PARTE III - O UNIVERSO	137
OUTRAS FORMAS DE VIDA E DIFERENTES ORBES.....	137

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COMO PONTO DE PARTIDA E A PERDA DA IDENTIDADE COMO DESTINO FINAL	141
A ORAÇÃO DE FÁTIMA	147

Agradecimentos

À Fátima, Antônio, Vicente, Aluízio, Sophia, Bia e tantas outras consciências que constroem essa Filosofia todos os dias, gratidão.

Ao Fernando, cuja doação e dedicação permitiram que chegássemos até aqui, gratidão.

Aos trabalhadores vestindo um corpo físico que se dedicam aos mais diversos trabalhos da Casa de Fátima e da propagação dessa Filosofia, gratidão.

A você que lê essa obra e se propõe a questionar-se e conhecer-se um pouco mais, gratidão.

Atenciosamente,

Administração da Casa de Fátima.

Prefácio

por Gabriel M. Falcão¹

Eu não te conheço, mas uma coisa eu sei sobre você: você já tem uma filosofia de vida. Como eu sei disso? Simples: todo mundo tem uma filosofia de vida. Isso acontece porque uma filosofia de vida é composta por, no mínimo, dois elementos: uma ideia sobre o que é o mundo e uma ideia sobre qual é a forma correta de agir nesse mundo. Então, se eu te perguntar o que é o mundo, você vai me dizer alguma coisa: uma coleção de partículas subatômicas aleatoriamente agregadas na imensidão de um universo puramente material, ou uma criação de um Deus perfeito e supremamente bom, ou uma experiência ilusória decorrente de uma ignorância espiritual fundamental, entre várias outras opções. Da mesma forma, se eu te perguntar qual é a melhor forma de agir nesse mundo, você vai me responder algo: cada um sendo conduzido por seu próprio autointeresse, ou pensando sempre na maior quantidade de bem-estar para o maior número possível de seres, ou obedecendo a certas regras pré-definidas por um livro sagrado ou documento legislativo, e por aí vai. Ou seja, você já tem uma filosofia de vida.

A questão é que essa filosofia de vida não foi necessariamente uma escolha consciente da sua parte. O ambiente em que você vive, a família na qual você nasceu, as criações culturais que você absorveu e até mesmo as possibilidades tecnológicas do seu entorno delimitaram e influenciaram profundamente seu processo automático

¹ *Diplomata, Bacharel em Filosofia e Mestrando em Metafísica pela Universidade de Brasília (UnB).*

de construção de sentido por meio de uma filosofia de vida. Se você vivesse na Europa medieval, não teria a possibilidade de praticar o budismo tibetano. Se você tivesse nascido em uma tribo de caçadores-coletores sem contato com a civilização dita moderna, não pensaria em qual seria a melhor trajetória profissional para o seu futuro. (Muitos de nós, inclusive, sequer temos a percepção de que nossa visão de mundo é fruto de uma filosofia de vida específica, e acabamos ficando presos à concepção de que ela é a verdade absoluta com a qual todos os outros devem necessariamente concordar - uma postura chamada *fundamentalismo*.)

Porém, conforme vamos adquirindo maior autonomia e ampliando nosso repertório cognitivo, alguns de nós podem optar, em algum momento, por uma filosofia de vida que não seja necessariamente a que nos foi inconscientemente introjetada durante nosso percurso de desenvolvimento: aderimos a uma religião originada em outra parte do mundo, esposamos o ateísmo ou o positivismo científico, adotamos comportamentos éticos baseados nas reflexões de pensadores que viveram milênios antes de nós... Isso significa que a construção de uma filosofia de vida é, ao mesmo tempo, fruto de uma inevitável absorção involuntária do meio no qual nos desenvolvemos e um processo em constante transformação a partir das novas influências às quais nos abrimos.

É aí que esse livro entra. Nele, você vai encontrar uma série de ideias sobre o que é o mundo e sobre como deveríamos agir - ou seja, uma filosofia de vida. Algumas dessas ideias imediatamente vão fazer sentido para você, outras vão parecer estranhas e interessantes, e ainda outras vão parecer simplesmente impossíveis de aceitar. No entanto, nenhuma delas é apresentada como uma verdade absoluta

ou como parte indissociável de um pacote completo no qual você deve acreditar para alcançar algum tipo de salvação ou redenção. Muito pelo contrário: todas são propostas como meras ferramentas de desconstrução do nosso próprio apego a ideias disfuncionais sobre nós e sobre o mundo, em prol de uma existência mais livre e benéfica.

Por isso, minha sugestão é que você leia com uma atitude simultânea de abertura e ceticismo: não descarte nada à primeira vista, mas tampouco aceite tudo à primeira vista. Se for possível, deixe temporariamente de lado qualquer crença ou descrença sobre a autoria ou o modo de elaboração desse livro e se relacione de forma direta com as ideias e reflexões propostas. Reflita, questione, debata, converse com outras pessoas, releia e, como um ser humano dotado de intelecto e autonomia, escolha, entre os itens desse vasto cardápio filosófico, aquelas perspectivas que você sentir que contribuem para melhorar a sua vida e o mundo ao seu redor. Isso é uma boa filosofia de vida, seja ela qual for.

Introdução

Por Fernando Ben²

A Filosofia de Fátima é uma filosofia de vida inter-religiosa.

Uma outra forma de pensar sobre ela, é imaginar que seja uma proposta de se viver bem, não como uma religião, mas como um conjunto de ideias, que não apenas ajude a pensar melhor, mas ajude a desconstruir o conglomerado de ideias dos outros, que são, inclusive às vezes, de muito mal gosto e cruéis, e repetimos no nosso dia a dia como se fossem nossas.

Fátima, em sua filosofia de vida, nos ajuda a desconstruir muitas crenças limitantes, para reconstruirmos em nossa mente uma perspectiva mais libertadora e simples.

A inter-religiosidade da Filosofia de Fátima se estabelece pelo respeito absoluto de Fátima a todas as crenças e religiões que tenham como base o bem individual e coletivo.

Desta forma, a Filosofia de Fátima apresenta dois pilares: o estudo de sua filosofia e a prática de ações sociais.

Uma, praticada sem a outra, perde o seu efeito ou eficácia.

Neste livro, o primeiro do que pretendemos publicar nos próximos anos, é o compêndio de mensagens que recebemos durante

² *Fernando Ben divisa a Filosofia de Fátima como sua atividade de fé. Em sua vida profissional/acadêmica é Professor e Mestre em Psicologia Social, Psicólogo e faz doutorado em Psicologia Social.*

esses 31 anos em que atuo pela fé em seu nome e sob sua inspiração e proteção.

Meu amor por Fátima é incondicional! E meu desejo, nesta tarefa, coaduna com o pensamento de Fátima, em que não buscamos a conversão de adeptos, mas a atração de despertos. Para a Fátima, todas as pessoas, por uma questão de memória coletiva de Mundo Primeiro, já têm, de alguma forma, a base das informações que podem utilizar no seu dia a dia.

Desta forma, a proposta deste livro é produzir naqueles que o estudarem, a lembrança do que já sabem e isso iluminará os seus propósitos e objetivos na vida.

Em uma outra perspectiva, Fátima não deseja que você leia e reproduza o pensamento dela, porém ela te convida a ser coautor da obra dela. Produzindo ideias novas, traduzindo para outras línguas, ensinando aos outros conforme as suas próprias lembranças forem surgindo daquilo que lerem nesta obra.

O livro de Fátima é um convite para reforçarmos o bem e a paz na Terra.

É uma terceira via de compreensão do discurso espiritual. Nem científico, nem religioso, mas de debate filosófico.

Em suma, nesse volume 1 do livro de Fátima, ela vai te convidar a pensar que você é uma ideia. Mas, ora, uma ideia construída por você mesmo ou por outros? E essa ideia se baseia em uma perspectiva meramente individualista ou na construção de uma sociedade melhor? Essa ideia te mata todos os dias ou te retorna à vida e alimenta a vida para aqueles que estão ao seu redor?

A Filosofia de Fátima tem me ajudado a suportar inúmeros sofrimentos e a me tornar uma pessoa mais leve, mais aberta, buscando cuidar de mim e cuidar do próximo. Não direi que são avanços messiânicos ou grandiosos, mas que me trazem todos os dias, mais desejo de continuar e de produzir algo melhor para os que virão após mim na Terra.

Espero, verdadeiramente, que esta filosofia de vida te traga a paz, o conforto e a força que você precisa para continuar.

Boas-Vindas

por Indira Petit³

O que aqui propomos é apenas o início de uma construção das mais diversas perspectivas do que estamos propondo enquanto Filosofia. Nada aqui está escrito em pedra e nem deve ser considerado como verdade absoluta, mas, como tudo que trazemos e falamos na Filosofia, tem o intuito de propor desconstrução, questionamento, diálogo e mudança.

Ideias são a origem de tudo, mas nenhuma única ideia é o fim de tudo. Toda ideia que for para o bem, que for para o autoconhecimento, que buscar trazer paz e bem-estar coletivos, será bem-vinda. Inicie este livro com a mente aberta, disposto a questionar e até mesmo discordar do que aqui for proposto, porque se essa for apenas mais uma leitura para que você acrescente ao seu rol de livros que juntam poeira, tanto em sua casa quanto em sua mente, é melhor fechar esta obra agora.

Aos que continuarão, bom proveito!

³ *Bacharel em Relações Internacionais e especialista em marketing. Desde a sua adolescência, estuda sobre espiritualidade e religião.*

Os trechos em cinza representam as considerações e explicações de Fernando Ben sobre o texto de Fátima. Geralmente, após cada tópico, Fernando Ben apresenta uma explicação detalhada.

Parte I – O Ser

O que somos?

1. O que somos? Uma ideia. Poderia encerrar esta obra aqui, mas nosso desejo – e falo nosso, pois sou uma de muitas que trabalham para que essas ideias permeiem vosso tempo, vosso corpo e vossas mentes – é que essa ideia seja expandida e elaborada.
2. Somos uma ideia. Primariamente, uma ideia que surgiu, moldou um corpo e foi sendo moldada pelas ideias coletivas da vida humana em sociedade, assim como pelas ideias individuais que cada ser faz de si.
3. A ideia que fazemos de nós é moldada de várias formas diferentes. Falo moldada porque nós vamos nos adaptando ao molde que é o corpo, que é a estrutura cultural, mas principalmente que é como os outros nos veem.
4. Quando temos a capacidade de percepção sensorial em bom funcionamento, no momento que o outro nos olha, nós nos percebemos por esse olhar. Logo, a percepção que temos de nós é baseada na percepção que o outro tem de nós. Se o outro nos rejeita, se

o outro nos ampara, se o outro nos acha belo ou feio, se o outro nos acha integrado ou agrupado ao meio, caso não haja reprovação, esse olhar do outro, pensando no outro como sua própria estrutura de cultura, de experiência, de vida, de sofrimento, vai nos olhar de acordo com a sua construção de si. Dessa forma como nos percebemos, também vamos acomodando e aceitando essa ideia que fazemos de nós. Uma perspectiva que não é totalmente real.

5. Nós, pela nossa capacidade limitada de ver e de ouvir, de sentir e se perceber no mundo, nos apropriamos dessas características, dadas por esse outro, sem uma avaliação crítica ou lógica da nossa parte. Nos constituímos com essa ideia de ser preso a um tempo, a um espaço e a uma realidade que não se altera muito através do tempo, salvo quando há uma mudança de paradigmas, algo que ocorre quando não aceitamos todas as ideias e temos o respeito de desconstruí-las dentro de nós, quando criamos dúvidas, quando nos transformamos para uma nova perspectiva de ideias de nós mesmos com base no conhecimento – não o conhecimento estático, mas um conhecimento que se adapta, se desenvolve e que se transforma com a análise crítica pessoal e coletiva.

6. Daí vai se estruturando em nós uma mudança significativa, não uma mudança de personalidade, já que compreendemos a personalidade como uma construção de repetições e um molde de como podemos lidar, uma resposta para a vida de acordo com o padrão. A personalidade é um padrão! Nosso padrão da fala, da comunicação de uma forma geral, a maneira como nos comunicamos com o mundo, na maioria das vezes, é aceitando como o mundo nos olha - e essa ideia limita muito nossos passos. Não é a ideia do

[ser] desperto, o desperto já entende que não cabe em toda caixa, que não quer caber em toda caixa e compreende que a sua perspectiva de si pode ser mais ampla. Inclusive, entender que a cor da pele, a identidade de gênero, a sexualidade e tantas outras variáveis podem ser irrelevantes a partir de como nós vamos nos constituindo nessa ideia de ser, na atual experiência reencarnatória. Essa ideia precisa ser desconstruída, não para que nos percamos, mas para que justamente na desconstrução da ideia de que os outros fazem de nós possamos nos encontrar.

7. Temos as ideias da primeira infância, na qual há ainda uma noção primordial de que somos parte de um todo e não separados apenas porque vestimos um corpo físico. Com o desenvolvimento da mente, aquele pequeno ser vai percebendo que é parte do mundo, mas se individualiza e, passo a passo, se distancia da ideia originária de pertencimento. Ele não pertence mais ao mundo, mas sim ao seu núcleo familiar ou, na ausência dele, ao contexto social em que se encontra. Ainda desprotegida, a criança começa a construir os primeiros andares da ideia de “eu”, seja através de traumas e ausências ou através do afeto, da segurança e até do simples ato de brincar, que nada mais é que ensaiar a vida adulta na busca de independência, cooperatividade e autorregulação.

8. O trauma marca o ser de forma física, emocional e mental. Se ocorrer ainda na infância, a maneira como aquele ser se desenvolverá será alterada para fora do padrão do que é considerado normal na atualidade. De maneira simples, é como se tivéssemos uma massa de modelar e um golpe mais duro alteraria sua forma de modo mais brusco do que o suave moldar de dedos com gentileza. Assim,

os efeitos do trauma podem ser mais visíveis do que os atos de gentileza e afeto que moldaram aquele ser.

9. A infância é a base da ideia que somos e que iremos construir enquanto na vida física, por isso a importância de proteger e nutrir de afeto e independência nossas crianças: para que essa ideia seja cada vez mais capaz de transformação. Há ainda muito a desenvolver em como a humanidade, nesta temporalidade, entende e trata as crianças, na proteção de sua integridade física e mental, no entendimento do que é o amor parental e da responsabilidade coletiva para com as crianças que vivem em seu meio.

10. Assim, através de nossa vivência, de nossa percepção, dos limites de nossa forma física, construímos a ideia de quem somos. Esta é a construção dessa forma, mas você não é isso. Você não é o corpo que habita, os laços familiares que tem, as relações amorosas e fraternais que construiu, o lugar e o conteúdo que estudou, o trabalho que realiza, a família que formou ou as atividades que executa.

Este texto fala sobre a ideia de quem somos e como nos percebemos no mundo. Vamos tentar explicar de uma forma mais simples sistematizada:

O que somos?

A primeira ideia que o texto nos passa é que somos, essencialmente, uma ideia. Ou seja, a forma como nos vemos e como os

outros nos veem é uma construção mental, uma percepção. A Fátima diz que poderia terminar o texto ali, naquele ponto especificamente, mas que ela e outras “pessoas” ou “seres” querem expandir essa ideia para que ela seja mais entendida e vivida por todos.

A ideia de quem somos

A ideia de quem somos não surge do nada. Ela começa com algo muito básico: uma ideia que, com o tempo, vai moldando o nosso corpo e sendo moldada pelas ideias da sociedade. Isso quer dizer que a sociedade e a cultura ao nosso redor influenciam bastante em como nos vemos e no comportamos. Além disso, cada pessoa tem uma ideia individual de si mesma, baseada em suas próprias experiências e sentimentos.

Como nos moldamos

O autor diz que a ideia que temos de nós mesmos vai sendo moldada de várias formas. Isso acontece principalmente por dois motivos: o corpo e a cultura. Ou seja, nossa percepção de nós mesmos depende do nosso corpo, da forma como ele é, das normas culturais que seguimos, mas principalmente do modo como os outros nos veem.

O olhar do outro

Quando interagimos com outras pessoas, nós percebemos a nós mesmos através dos olhos delas. Isso significa que, ao sermos olhados, nossa percepção de quem somos pode ser influenciada pelo que o outro pensa de nós. Se alguém nos rejeita, nos aceita, nos

elogia ou nos critica, tudo isso influencia a forma como nos vemos. Mas esse olhar não é totalmente verdadeiro, porque ele é baseado na visão e na experiência de vida do outro, que é diferente da nossa. Então, a percepção que temos de nós mesmos não é algo fixo, é algo que muda conforme as experiências que vivemos e como somos vistos pelos outros.

Desta forma, Fátima nos faz pensar que a nossa identidade é uma ideia em constante construção, que se forma através de nossas próprias experiências e da forma como a sociedade e as pessoas ao nosso redor nos enxergam. E, por isso, a maneira como nos vemos pode ser diferente da realidade, pois é influenciada pelos olhares e experiências dos outros.

Bem como, fala sobre como nos formamos como pessoas, como adquirimos nossas ideias sobre quem somos e como podemos mudar a maneira de ver a vida.

Como nos formamos sem questionar

Fátima explica que, devido à nossa capacidade limitada de perceber o mundo (vendo, ouvindo, sentindo), muitas vezes aceitamos as ideias que os outros nos passam sem questioná-las. Nós, sem perceber, nos tornamos prisioneiros de um tempo, de um lugar e de uma realidade que parece imutável. No entanto, há momentos em que algo pode mudar essa realidade: quando começamos a questionar as ideias que nos foram dadas, a ter dúvidas, a buscar mais conhecimento e a mudar nossa maneira de ver a vida. Esse conhecimento não é algo fixo, mas algo que evolui com o tempo, à medida que analisamos o que é verdadeiro para nós e para a sociedade.

Mudança de perspectiva, não de personalidade

Aqui, o texto fala sobre como podemos mudar internamente, mas não a nossa personalidade. A personalidade é como uma “resposta” que damos à vida, baseada em padrões repetidos, e muitas vezes ela é influenciada pelo que os outros esperam de nós. O autor afirma que, ao despertar para uma nova maneira de pensar, podemos ver que somos mais do que os rótulos que a sociedade coloca sobre nós, como a cor da pele, a identidade de gênero ou a sexualidade. Essas características podem se tornar menos importantes quando entendemos quem realmente somos. A mudança que Fátima fala é uma transformação de ideias e percepções que nos permite nos libertar de padrões limitantes, não para nos perdermos, mas para nos encontrarmos de verdade.

Como a criança se percebe no mundo

Fátima também fala sobre o desenvolvimento da criança e como ela começa a formar suas ideias sobre si mesma. Quando somos pequenos, temos a sensação de que fazemos parte de algo maior, do mundo em geral. Porém, à medida que crescemos, começamos a perceber que somos mais do que apenas parte do mundo, nos vemos como indivíduos separados, primeiro dentro da nossa família e depois na sociedade. A criança vai construindo sua ideia de “eu” com base em suas experiências, sejam elas boas ou ruins, como o amor dos pais ou os traumas que ela pode viver. A infância é também uma fase de aprendizado e de brincadeiras, que ajudam a criança a entender o mundo adulto, com suas responsabilidades e a busca por independência.

Assim sendo, o texto fala sobre como nos formamos como pessoas ao longo da vida, influenciados pelas ideias dos outros e pelas nossas próprias experiências. Fátima sugere que, ao questionarmos essas ideias e ao buscarmos mais conhecimento, podemos mudar a maneira como vemos a nós mesmos e o mundo, superando limitações e encontrando uma versão mais autêntica de nós.

Desta forma, Fátima fala sobre como as experiências da vida, especialmente na infância, moldam quem somos. Ela explica o impacto do trauma, a importância da infância e como nossa identidade é construída.

O impacto do trauma

Fátima diz que o trauma afeta o ser humano de três formas: física, emocional e mental. Se o trauma acontecer durante a infância, ele pode mudar o desenvolvimento da criança de forma significativa. Fátima usa a metáfora de uma massa de modelar: se você der um golpe forte nela, ela mudará de forma de maneira brusca, enquanto um toque suave a moldaria com mais cuidado. Da mesma forma, os traumas podem deixar marcas mais profundas e visíveis do que os gestos gentis e carinhosos que também influenciam a pessoa.

A importância da infância

A infância é vista como a base para a construção da nossa identidade. O texto destaca que é importante proteger as crianças, oferecendo carinho e permitindo que elas se tornem independentes. Dessa forma, elas terão mais chances de se desenvolver de maneira

saudável e transformadora. Fátima também fala que a sociedade ainda tem muito a aprender sobre como proteger as crianças, garantindo sua integridade física e emocional e entendendo o verdadeiro significado do amor e da responsabilidade que temos com as crianças ao nosso redor.

Quem somos?

Por fim, Fátima nos diz que, ao longo da vida, vamos construindo a ideia de quem somos com base nas nossas experiências e percepções, no nosso corpo e nas nossas relações com os outros. Mas ela nos alerta: você não é apenas o corpo que tem, a família em que nasceu, o trabalho que faz ou as coisas que aprendeu. Tudo isso faz parte de quem você é, mas não define totalmente quem você é. Nossa identidade é mais complexa e vai além dessas coisas.

Sendo assim, Fátima nos ensina que nossa identidade é formada por tudo o que vivemos, especialmente durante a infância, e que os traumas podem ter um grande impacto. No entanto, também nos lembra que somos mais do que o que mostramos externamente, como nosso corpo ou as situações da nossa vida.

Nossa construção

11. O contexto social no qual aquele ser está inserido molda também sua ideia de si e do que está ao seu redor. Em um ambiente familiar mais rígido, essa rigidez talvez contribua para um desejo de continuidade ou de ruptura. A criança que brinca na rua com seus

amigos em uma pequena cidade da Índia terá ideias de si muito diferentes de outra criada entre o apartamento e a escola em uma capital brasileira. Quanto mais diversidade na vida de um ser, mais adaptável é a ideia que ele faz de si e dos outros. Quanto mais repetição, mais limitadas ficam a mente e a consciência.

12. A ideia de si não é a mesma em todos os lugares físicos conhecidos como países e estados. A base cultural, religiosa ou espiritual, social e política modifica quase que totalmente as possibilidades de ideia que aquele ser pode desenvolver. Deste modo, dois adultos nascidos no mesmo dia e ano, criados por duas figuras adultas em situações sociais e econômicas semelhantes, mas em partes distintas do globo podem ser tão diferentes e construir perspectivas de si mesmos tão distintas que dificilmente se perceberiam como parte de um mesmo todo. Viveriam em suas bolhas, alimentando a ideia de segregação que tanto dificulta a vida humana na Terra.

13. Existe uma construção de pensamento filosófico e religioso que enxerga as reencarnações como uma construção de aquisição de conhecimento e afirma que existe uma evolução no sentido desse conhecimento, mas isso não é verdade. O conhecimento poderia muito bem ser adquirido sem a experiência do corpo físico, vivendo apenas no Mundo Primeiro⁴. O que nós estamos fazendo na Terra, enquanto encarnados, é a experiência das emoções.

⁴ O Mundo Primeiro, para Fátima, é a dimensão de existência na qual a experiência se dá sem o corpo físico.

Fátima fala sobre como a nossa ideia de quem somos e como vemos o mundo ao nosso redor é influenciada pelo ambiente em que vivemos e pelas experiências que temos.

Como o ambiente molda nossa ideia de si

Ela começa explicando que o contexto social, ou seja, o ambiente onde uma pessoa vive, tem grande impacto na maneira como ela se vê e entende o mundo. Por exemplo, uma criança que vive em uma família rígida pode desenvolver uma ideia de si que é mais voltada para a continuidade (seguir as regras) ou para a ruptura (quebrar essas regras). Fátima também compara diferentes experiências de vida. Uma criança que brinca com seus amigos na rua em uma pequena cidade da Índia terá uma ideia de si bem diferente de uma criança que mora em um apartamento e vai à escola em uma grande cidade do Brasil. Quando uma pessoa vive em um ambiente com mais diversidade (diferentes culturas, pessoas e experiências), ela tende a ter uma visão mais aberta de si mesma e dos outros. Já em ambientes mais repetitivos e fechados, a mente e a consciência podem se tornar mais limitadas.

A ideia de si varia de acordo com o lugar onde vivemos.

A maneira como nos vemos também é diferente dependendo do lugar onde nascemos e vivemos, como países, estados, religiões, culturas e sistemas políticos. Por exemplo, duas pessoas que nasceram no mesmo dia e ano, com condições sociais e econômicas parecidas, mas que viveram em lugares muito diferentes do mundo, podem ter uma visão de si mesma tão diferente que nem se reconheceriam como parte da mesma sociedade. Elas viveriam em suas “bolhas”,

ou seja, em mundos diferentes, alimentando a ideia de que são separadas, o que dificulta a convivência entre as pessoas.

A experiência na Terra e o aprendizado das emoções

Por fim, Fátima fala sobre uma ideia filosófica e religiosa que defende que as reencarnações (renascimentos em diferentes corpos) são uma forma de evolução do conhecimento. Ela diz que isso não é verdade. O conhecimento poderia ser adquirido de outras formas, sem precisar de um corpo físico, vivendo apenas no que ela chama de “Mundo Primeiro” (um mundo além da vida física). O que realmente fazemos na Terra, enquanto estamos encarnados (vivendo com corpo físico), é experimentar as emoções. Ou seja, a verdadeira razão de estarmos aqui é viver e aprender com os sentimentos e experiências emocionais.

Sendo assim, Fátima nos ensina que nossa identidade e percepção do mundo são moldadas pelo ambiente onde vivemos, pela diversidade ou repetição de experiências e pelo contexto cultural e social. Além disso, ela nos lembra que a nossa vida na Terra não é apenas para adquirir conhecimento, mas para viver as emoções e aprender com elas.

As emoções

14. Nós não somos, enquanto seres humanos, homens e mulheres racionais. Na realidade, temos a racionalidade, mas somos, antes de tudo, seres emocionais e a consciência de como lidar com essas emoções ocorre de forma diferente em diferentes espécies.

15. Logo, a reencarnação tem como ideia fulcral⁵ o desenvolvimento das nossas emoções de acordo com várias experiências cujas possibilidades não são integralmente programadas, mas sim experienciadas e desenvolvidas de acordo com as escolhas de milhares ou bilhões de seres dentro do organismo que é a Terra. Portanto, como seres dentro de outro ser, que é a Terra — vindo para ter experiência emocional do desamparo, do amor, da perda, do aconchego e do desenvolvimento de como lidar institucional, grupalmente e em nossa própria solidão e solitude — criamos uma nova forma de ser, uma ideia pautada em como podemos lidar com essas emoções, com essa angústia, com essa experiência desafiadora que é a reencarnação. A reencarnação, por si, já é um fardo e uma dor muito grande.

16. Cabe ainda entender que nessa construção da ideia do ser, alguns acham que viemos para ser felizes, mas isso não é verdade. Outros acreditam que viemos para ser provados no calor e no fogo da infelicidade — e isso tampouco é verdade. Vivemos momentos felizes, de acordo com a nossa cultura e compreensão, e momentos infelizes com a mesma proporção, mas no momento em que não podemos entender a dor do outro, o sofrimento de outras pessoas, nos impossibilitamos de entender o que seja felicidade. A estrutura narcísica que é dada na temporalidade atual reforça esses pensamentos de que as pessoas sejam capazes de se virar e de resolver tudo sozinhas, mas isso não é possível. É por isso que nos multiplicamos,

⁵ O que é fundamental, crucial, essencial

pela Força Criadora⁶, para que entendamos que sozinhos não podemos construir.

17. Desta maneira, o olhar do outro se torna uma perspectiva crucial para que possamos olhar pra nós, não mais como dependentes desse olhar, mas como uma perspectiva adicional, um estímulo para constituir a ideia do que somos, a ideia do Eu, a ideia desse ser que pensa e que transporta um corpo, enquanto o tempo permite a perspectiva de envelhecimento, transmutação⁷ e transformação desse corpo em base para outros corpos depois.

18. Essa ideia do ser é construída por ainda outras perspectivas. Seja pela nossa percepção da gravidade, nossa percepção do corpo e nossa perspectiva, mesmo sem percebermos, da respiração, do movimento dos órgãos e de tantos elementos internos do corpo necessários para nossa sobrevivência.

Fátima fala sobre como entendemos quem somos, como lidamos com nossas emoções e o papel da reencarnação nesse processo.

Somos mais emocionais do que racionais

Fátima começa dizendo que, como seres humanos, não somos apenas racionais (pensantes), mas, antes de tudo, emocionais. Isso significa que as nossas emoções têm um grande impacto na nossa

⁶ “Força Criadora” é o termo que Fátima usa para se referir àquilo que, em certas religiões, é chamado de “Deus”.

⁷ Mudança de uma coisa em outra, transformação.

vida. Embora possamos pensar e tomar decisões racionais, a maneira como lidamos com as emoções varia de pessoa para pessoa e de espécie para espécie.

A reencarnação e o desenvolvimento das emoções

A ideia principal da reencarnação, segundo Fátima, é o desenvolvimento das nossas emoções ao longo de várias vidas. Cada reencarnação não é algo totalmente planejado, mas sim uma experiência que acontece conforme nossas escolhas e as de outras pessoas no mundo. Na Terra, viemos para experimentar sentimentos como desespero, amor, perda e aconchego, e aprender a lidar com esses sentimentos, tanto em grupo quanto sozinhos. Fátima diz que a reencarnação, por si só, é uma experiência dolorosa e difícil, mas que, ao passar por ela, podemos criar uma nova maneira de ser, baseada no que aprendemos sobre nossas emoções.

O objetivo da vida não é apenas a felicidade

Fátima também explica que, embora muitas pessoas acreditem que viemos ao mundo para ser felizes, isso não é verdade. Tampouco viemos para sofrer constantemente. A vida tem momentos felizes e infelizes, e a verdadeira questão é que, quando não conseguimos entender a dor do outro, nos tornamos incapazes de entender o que é a verdadeira felicidade. Fátima critica a ideia de que as pessoas devem resolver tudo sozinhas, sem a ajuda dos outros. Ela sugere que, como seres humanos, precisamos uns dos outros para construir algo significativo, e não podemos fazer tudo sozinhos.

O olhar do outro e a construção do “Eu”

A maneira como nos vemos também é influenciada pelo olhar dos outros. No entanto, Fátima diz que não devemos ser dependentes desse olhar para saber quem somos. O olhar do outro deve servir apenas como uma perspectiva adicional, como um estímulo para entender melhor a nossa própria identidade. Isso nos ajuda a formar a ideia de quem somos, com base nas nossas experiências e no fato de que nosso corpo envelhece e muda com o tempo.

A ideia de ser e a percepção do corpo

Por fim, Fátima fala sobre como nossa ideia de quem somos também é construída por como percebemos nosso corpo e a maneira como ele funciona, mesmo que não tenhamos plena consciência disso. Nossa percepção da gravidade, da respiração, dos movimentos internos do corpo e de outros processos essenciais para a nossa sobrevivência nos ajudam a entender e a construir a nossa identidade.

Desta forma, Fátima fala sobre como nossas emoções são fundamentais para o nosso desenvolvimento, e como a reencarnação nos oferece experiências para aprender a lidar com esses sentimentos. Além disso, ela nos alerta que a felicidade não é o único objetivo da vida, e que a convivência com os outros é essencial para entendermos nossa própria identidade. O “olhar do outro” e a percepção do nosso corpo também têm um papel importante na construção da nossa ideia de quem somos.

A memória

19. A memória, esse bloco de ideias que vamos alterando a cada vez que o visitamos, vai construir a ideia que o ser faz de si, tanto por meio de suas recordações individuais quanto através de construções coletivas (como a cultura). A memória pode ser alterada, inserida ou suprimida⁸, a depender da necessidade de adaptação da mente de uma pessoa. A criança que passou por um forte trauma pode esquecer que aquilo aconteceu, assim como o adulto que busca uma justificativa para a angústia que sente pode criar uma memória de um sofrimento na infância que nunca ocorreu. Até as memórias mais claras podem não ser totalmente confiáveis e cabe ao indivíduo não valorizar excessivamente as lembranças ruins e nem as boas, mas entender o contexto de sua história como uma eterna possibilidade de ressignificação.

20. Todas essas construções configuram uma ideia do que somos. Mas se pensarmos de uma maneira mais ampla, em múltiplas encarnações através do tempo e do espaço, percebemos que não estamos presos a uma única forma, a uma única maneira de entender e lidar com o mundo. Então a memória humana nos traz uma ideia de “Eu” limitada, já que a lembrança total do que vivemos até agora está armazenada em um ponto do nosso íntimo que não vibra nesse tempo-espaço, que não pode ser percebida pelo cérebro e nem armazenada como memória no nosso cérebro. Então, nós temos uma ideia de “ser” meramente baseada nas lembranças de nossa existência corpórea atual.

⁸ Que se anulou ou cancelou.

21. O que somos ou achamos que somos não é quase nada, é um percentual mínimo comparado à possibilidade do que realmente podemos lembrar das múltiplas vidas experienciadas nessa temporalidade e nessa perspectiva espacial — seja nesse organismo que é a Terra ou em outros organismos — como outros seres que fazem parte da construção de nossa jornada dentro da Força Criadora.

22. Por isso, nossa necessidade de ter uma compreensão sobre a razão, a missão ou o motivo de estarmos aqui será muito limitada e baseada em “achismos” ou perspectivas doutrinárias, pois não é porque mergulhamos na praia que há uma razão para esse mergulho. Às vezes, há apenas um desejo da experiência de sentir a água salgada no corpo e, depois, os efeitos do sol na pele com água salgada, por exemplo, mas não necessariamente uma missão de transformação pessoal ou social. Não precisa ter um motivo – a existência já é o próprio motivo. A pergunta é: o que fazemos, a partir de agora, com tudo que experienciamos e percebemos de nós mesmos? Com essa construção de ser que nós temos, o que vamos fazer a partir de agora para nos adaptarmos e ajudar outras pessoas, para nos desenvolvermos enquanto acumuladores de emoções através das reencarnações?

23. Vamos apenas perceber essa quantidade de informações ou distribuir o que aprendemos para os demais? Precisamos confiar, mas após confiar, precisamos continuar na caminhada e, depois, precisamos compartilhar, compreendendo que, apesar da nossa ideia de nós mesmos ser limitada e de não sermos apenas aquilo que

percebemos de nós, essa própria percepção da desconstrução pode auxiliar no processo de desconstrução das outras pessoas.

24. Não há prisão maior que repetir uma informação alheia como se fosse nossa ou do que a construção de um ser, a partir do olhar do outro, como se fosse nós mesmos. Precisamos nos desconstruir para nos integrarmos a uma ideia mais clara, mais ampla, mais adequada à percepção da Força Criadora permanente em cada ser.

25. O tempo da escravidão e da culpa têm que passar para que o tempo da consciência e do despertar cheguem. Não há despertar enquanto formos escravos de uma perspectiva de ser pautada apenas no que podemos perceber. Cabe aos que forem de meditar, meditar; aos que forem de rezar, rezar; aos que forem de cada rito religioso filosófico, a continuação de suas experiências. Estarmos conectados à Força Criadora, independentemente de religião, nos permite desenvolver as habilidades necessárias de entender o nosso limite dentro dessa experiência física, assim como nossa possibilidade de realização para além da percepção do que achamos ser.

26. Cabe ainda uma perspectiva: quanto mais mergulhamos no oceano da frequência pura da Força Criadora, mais deixamos de ser gota para fazermos parte desse oceano, e, assim, nos ampliarmos em consciência com maior desenvoltura, segurança e solidez. O ser, por fim, é uma gota separada do oceano da Força Criadora, que precisa se desconstruir, porque acha que é apenas gota, para entender que vai voltar ao oceano da Força Criadora e que faz parte desse oceano universal.

Fátima fala sobre como entendemos quem somos e como nossa memória, as experiências e as crenças moldam nossa ideia de nós mesmos.

A memória e como ela nos molda

Fátima começa dizendo que nossa memória, que é a coleção de lembranças e ideias que temos, não é algo fixo. Cada vez que lembramos de algo, nossa mente pode mudar essas lembranças, de acordo com o que precisamos para lidar com a vida. Por exemplo, uma criança que passou por um trauma pode esquecer o que aconteceu, ou um adulto que se sente angustiado pode criar memórias falsas para justificar seu sofrimento. Mesmo as memórias mais claras podem não ser totalmente confiáveis, então o importante é entender que nossa história e nossas lembranças não são a única forma de ver quem somos. Podemos sempre reinterpretar nossa história e, assim, mudar a ideia que temos de nós mesmos.

A memória é limitada e não define tudo o que somos

Fátima segue dizendo que nossa memória é limitada. Não podemos lembrar de todas as vidas que já tivemos, nem de tudo o que já passamos. Isso faz com que a ideia que temos de nós mesmos seja muito pequena, já que ela é baseada apenas nas lembranças da nossa vida atual. Fátima sugere que, ao longo de várias vidas e experiências, nossa ideia de “Eu” é muito maior do que a lembrança que temos dela agora.

Somos mais do que nossa memória e nossa vida atual

Fátima reforça que, se considerarmos todas as vidas que tivemos, o que achamos que somos agora é apenas uma pequena parte do que realmente podemos ser. Nossa memória atual não consegue armazenar todas as nossas experiências passadas, nem todas as lições que já aprendemos. Somos parte de algo maior, como se fôssemos apenas uma pequena parte de uma jornada maior, conectada a uma força criadora.

Não precisamos de uma razão específica para existir

Fátima diz que muitas pessoas acham que estamos aqui por um motivo específico, como uma missão de vida. Mas ela sugere que, às vezes, simplesmente experimentamos a vida, sem um grande propósito além de sentir e viver. A vida, por si só, já é uma razão para estarmos aqui. O que realmente importa é o que fazemos com tudo o que vivemos: como nos adaptamos, como ajudamos os outros e como crescemos com nossas experiências e emoções.

Compartilhar o que aprendemos e ajudar os outros

Fátima também fala sobre como precisamos compartilhar o que aprendemos com os outros. Isso não significa apenas aprender e ficar com o conhecimento, mas passar adiante o que sabemos para ajudar os outros. A desconstrução da nossa ideia de quem somos pode ajudar a desconstruir a ideia dos outros, permitindo um crescimento coletivo.

Não devemos nos prender a ideias que não são nossas

Fátima alerta que não devemos simplesmente repetir as ideias dos outros como se fossem nossas. Também não devemos nos definir com base no que os outros pensam sobre nós. Precisamos nos desconstruir, ou seja, questionar nossas crenças e perceber que nossa verdadeira essência vai além dessas ideias. Devemos buscar uma compreensão mais clara e profunda sobre nós mesmos, conectando-nos com algo maior.

O tempo da culpa e da escravidão mental precisa acabar

Fátima fala também sobre a importância de superar a culpa e as limitações mentais que nos prendem. Para alcançar o “despertar” da consciência, precisamos nos libertar da ideia de que só somos o que conseguimos perceber com nossos sentidos. A conexão com a força criadora, algo maior do que nós, nos ajuda a entender nossos limites e nossas possibilidades além do que achamos que somos.

Nos tornando parte do todo

Por fim, Fátima explica que, quando nos conectamos profundamente com essa força criadora, nos tornamos parte de algo muito maior, como uma gota d'água que faz parte do oceano. Precisamos entender que não somos apenas uma gota isolada, mas parte de um todo universal. A desconstrução de nossa ideia de “Eu” nos ajuda a perceber que, no fim, todos fazemos parte dessa força criadora que une todos os seres.

Sendo assim, Fátima fala sobre como nossa memória e nossas experiências limitam a ideia que temos de nós mesmos. A vida não

tem necessariamente um motivo específico além de nos proporcionar experiências e emoções. O importante é como lidamos com essas experiências e como ajudamos os outros no nosso caminho. Precisamos nos desconstruir para entender que somos parte de algo muito maior e mais profundo.

A experiência humana na Terra

27. De onde o Mestre pode observar a Terra, se pudesse me servir dessa comparação, seria como se as pessoas estivessem paradas, os carros parados, os aviões parados, e, à medida que a frequência de sua compreensão da realidade vai se desacelerando, sua percepção da velocidade do movimento na Terra começa a se assemelhar à dos seres encarnados. Para os que estão na Terra, todos se movimentam com a velocidade “normal”, mas para Jesus, de onde quer que Ele possa estar, as pessoas vão se movimentando de forma lenta até que Ele próprio diminua a sua frequência e se aproxime da frequência vibratória dos que estão encarnados no planeta.

28. Logo, toda a velocidade se normaliza, conforme o que é concebido como “normal” na Terra. Porém, essa experiência humana na Terra não é meramente uma limitação decorrente do contexto histórico, cultural e individual, ou da própria estrutura do corpo físico, que percebe, sente e interpreta o meio. Ela também serve como um contexto que permite a esse corpo servir como um

avatar⁹, um instrumento para que uma mente, em uma concepção diferente de tempo, de espaço e de realidade, possa vivenciar suas emoções e experiências na Terra.

29. Nem todos que estão no Mundo Primeiro são como Jesus, mas com certeza todos estão em uma frequência vibratória e em uma realidade que é diferente daquela dos que se servem de um corpo na experiência humana na Terra.

30. Essa desaceleração vibracional ocorre tanto por meio da gravidade, devido à necessidade de locomoção do corpo, quanto por meio da cognição, que constrói uma textura social da realidade limitada em sua capacidade de abstração. O corpo, nesse caso, funciona como uma espécie de robô biológico, uma estrutura sem plena autonomia e que corresponde às necessidades de sobrevivência física, mas que se encontra vinculado a um princípio, normalmente chamado de alma, a fim de promover nesse princípio a ideia de vida física.

31. Desta maneira, a experiência humana na Terra é muito mais complexa do que se imagina, mas também é muito mais efêmera¹⁰, do ponto de vista de quem está de fora, do que se imagina. Efêmera no tempo, na relação com o espaço e em sua importância em relação ao todo, mas isso não deslegitima a necessidade de cumpri-

⁹Avatar, na tradição espiritual indiana, é um termo que designa uma manifestação corpórea da Divindade. Para Fátima, cada ser representa a Divindade, já que somos todos parte da Força Criadora ou da Energia Primordial da Criação.

¹⁰ De curta duração, breve, passageiro, temporário, transitório.

la do início ao fim, valorizando integralmente cada experiência humana.

32. Para além desse corpo físico, há uma ideia, ou, devo dizer, uma faísca de uma ideia originária que viveu, vive e viverá para além deste plano e que será moldada pelo somatório das memórias de inúmeras vivências em diversas formas físicas.

33. O mundo é muito mais do que podemos enxergar ou sequer imaginar. Há muitos de nós em diferentes perspectivas dimensionais ainda desconhecidas, que assim permanecerão enquanto estivermos limitados pela ideia que criamos sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos rodeia.

34. Assim, não podemos deixar de comentar sobre a importância daqueles que querem reencarnar no âmbito vegetal ou no âmbito animal, pois, como falamos, isso não é uma condenação ou uma diminuição. A evolução não existe de forma vertical, mas horizontal: no outro, no amor, na concórdia¹¹ e na compreensão. Desta maneira, não há seres mais ou menos evoluídos. Há apenas os que experienciaram, por algum motivo, este ou aquele construto de realidade na Terra.

35. Sendo assim, talvez, as pessoas que abraçam árvores sejam muito mais sábias, porque entenderam que elas são ancestrais pode-

¹¹ Paz.

rosos, de diversas outras linhagens do Mundo Primeiro, que experienciam estar na Terra provendo¹² à vida o seu próprio sustento e sombra, como parte do todo. Talvez aqueles que não compreendem a importância de um rio, de um lago ou do mar enxerguem tais fenômenos como algo sem vida. Porém, para que a vida ocorra, é necessário haver uma base natural e tal base consiste em um campo de experiência para seres do Mundo Primeiro.

Este trecho fala sobre a experiência humana na Terra, a percepção do tempo e do espaço e como tudo isso é visto de uma perspectiva mais ampla, espiritual e cósmica.

Percepção da realidade e velocidade

Fátima começa falando sobre como alguém com uma percepção mais ampla da realidade, como Jesus, veria o mundo de uma forma diferente. Ela compara isso a um observador que vê as pessoas, os carros e os aviões como se estivessem parados. Isso acontece porque, para seres como Jesus, a “frequência” da percepção é muito mais rápida do que a dos seres humanos, e para entender o que está acontecendo na Terra, ele precisaria diminuir sua frequência para se adaptar ao que vemos e sentimos como normal.

A experiência humana como um “avatar”

¹² Abastecer, fornecer, munir.

Em seguida, Fátima explica que a experiência humana na Terra, com todas as suas limitações (como o corpo físico e o contexto histórico e cultural), não é apenas um obstáculo, mas uma oportunidade. O corpo humano pode ser visto como um “avatar”, um instrumento que permite que uma mente viva e experimente emoções em um plano de realidade que é muito diferente do que está fora da Terra.

Diferença de frequência entre os mundos

Fátima também fala que, embora Jesus tenha uma percepção mais avançada e vibracionalmente diferente, todas as almas no “Mundo Primeiro” (um plano espiritual mais elevado) estão em uma frequência vibratória diferente das pessoas que vivem na Terra. Isso significa que há diferentes formas de existir e diferentes perspectivas sobre a realidade.

A desaceleração da experiência humana

Aqui, Fátima fala sobre como a desaceleração das frequências acontece tanto por causa da gravidade, que nos exige movimento físico, quanto pela forma como nossa mente cria e organiza a realidade ao nosso redor. O corpo humano, então, é como uma máquina biológica que, apesar de não ter autonomia total, é guiada por algo mais profundo, normalmente chamado de “alma”, que dá sentido à nossa vida física.

A experiência humana é complexa e efêmera

A experiência humana na Terra é descrita como muito mais complexa do que imaginamos, mas também muito mais efêmera, ou seja, passageira, se vista de fora. Isso significa que, embora a vida física pareça muito importante para nós, ela é apenas uma parte pequena de uma jornada muito maior e mais longa. Isso não diminui a importância de viver essa experiência com profundidade e dedicação, valorizando cada momento.

A essência que vai além do corpo físico

Fátima fala que, além do corpo físico, existe uma “faísca” de uma ideia ou essência que transcende a vida na Terra. Essa essência continua a existir e é moldada pelas experiências acumuladas ao longo de muitas vidas, em diferentes formas físicas.

Existem realidades além do que vemos

Fátima também afirma que o mundo é muito mais do que podemos ver ou imaginar. Existem muitas outras perspectivas de vida e realidades dimensionais que ainda são desconhecidas para nós, e só conseguiremos perceber essas realidades quando superarmos os limites da ideia que temos de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

A importância dos seres vegetais e animais

Fátima faz uma reflexão importante sobre a vida em outras formas, como as plantas e os animais. Ela explica que a evolução não

é vertical (como se algumas formas de vida fossem mais “avançadas” que outras), mas sim horizontal, ou seja, todas as formas de vida têm seu valor e propósito. Portanto, seres como as árvores ou animais não são inferiores, mas têm seu papel na experiência cósmica e na vida na Terra.

Sabedoria das árvores e dos elementos naturais

Por fim, Fátima sugere que as pessoas que compreendem a importância das árvores, dos rios e dos mares podem ser mais sábias, pois reconhecem que esses elementos naturais são parte de um ciclo de vida muito maior. Eles são vistos como ancestrais poderosos do “Mundo Primeiro”, que, mesmo estando na Terra, continuam a prover vida e sustento para outros seres. Aqueles que não entendem o valor desses elementos naturais podem não perceber sua importância, mas a vida depende dessas bases naturais para existir.

Desta forma, Fátima fala sobre como a percepção humana da realidade é limitada e como ela pode ser muito mais ampla do que imaginamos. Ela também destaca que a vida na Terra é apenas uma parte de um todo maior, onde todos os seres, humanos, animais e plantas, desempenham papéis igualmente importantes. Para entender a totalidade da existência, é necessário transcender nossas limitações e ver a vida com uma perspectiva mais ampla.

36. Há vida no ar, conforme consagrado em certas manifestações filosóficas e religiosas, como a dos orixás como expressão da natureza. Acredito e proponho a noção de que estes sejam milhares

de seres congregando-se¹³ na mesma ideia e potencializando, participando ou se movimentando sem um vórtice¹⁴ de consciência individual, permitindo-se perder o controle da ideia de si para serem muitos e poderem existir como um provimento anterior à própria ideia de vida. Essa destituição¹⁵ de ser é o caminho de todos os seres encarnados na Terra e é a base de apresentação para alguns que experienciam o Mundo Primeiro.

37. Já trouxe, em muitas situações, o exemplo de que uma montanha pode ser uma encarnação coletiva. Claro, isso é uma metáfora, uma forma de dizer que uma montanha poderia ser a união de milhares de seres em meditação congregando-se em uma experiência fora do seu controle, a fim de sentir a rotação da Terra, a translação da Terra, o movimento de distanciamento, para que assim possam sentir, inclusive, sua própria transformação secular durante um mísero¹⁶ tempo no transcurso do Mundo Primeiro.

38. Apesar de na Terra normalmente não sermos capazes de perceber isso, o Mundo Primeiro pode caber em um elemento que seja milhões de vezes menor, na concepção de espaço da Terra, do

¹³ Reunir-se, juntar-se (em congregação).

¹⁴ Movimento rápido e forte de um fluido em volta de eixo ou espiral. Redemoinho; turbilhão; voragem.

¹⁵ Privar ou privar-se de alguma coisa. Desapossar, despojar.

¹⁶ Que tem pouco valor. Ínfimo; insignificante; miserento.

que um átomo. E neste elemento está um universo inteiro, celebrando velocidades altíssimas, vislumbrando¹⁷ perspectivas imensamente profundas, mas completamente invisíveis a qualquer aparelho humano.

39. Não é necessariamente um lugar espiritual, porque essa é uma comparação dada por falta de percepção, mas um campo ainda invisível aos olhos físicos. Quando houver a real compreensão da natureza das múltiplas dimensões, será completamente possível se transformar ou se vincular a uma outra realidade de tempo, de espaço, de forma e de compreensão do mundo.

40. A experiência humana na Terra consiste em muito mais que rever algozes¹⁸ ou amores do passado — é muito efêmero pensar que estamos aqui apenas para que haja perdão ou compreensão dos fatos. Tais elementos são importantes sim, mas estamos aqui principalmente para que seres humanos e essa experiência se desenvolvessem, por assim dizer, pelo fato de que há uma construção muito mais complexa, engenhosa, grandiosa, na minha perspectiva, e que essa sensação de diminuir os passos para caber nos passos da Terra nos faz sentir, nos faz observar, nos faz sofrer, nos faz nos alegrarmos e desenvolver.

41. É por isso mesmo que diante dessa perspectiva que trago, que talvez não seja completamente clara por falta de comparações

¹⁷ Começar a aparecer, a surgir, entrever-se; apontar.

¹⁸ Pessoa que inflige castigos físicos ou pena de morte. Pessoa cruel.

humanas, é importante que essas experiências na Terra sejam vividas de forma simples, porque todas as expressões de ostentação, todas as expressões de poder, todas as expressões de terror serão destroçadas, serão esmagadas e apagadas.

42. Mas o que se perpetua é o desejo de comunhão, é o desejo de encontro do ser com os demais seres. A Terra, por assim dizer, é um ser. Quem sabe, um ser do Mundo Primeiro (ou milhões de seres do Mundo Primeiro) experienciando como é existir sendo um planeta. Por mais absurda e diferente que essa ideia possa parecer, ela nos retira da concepção de que os seres humanos são superiores, perspectiva comprovável pelo reconhecimento da manutenção humana da ideia de ameaça, de poder e de apocalipse nuclear como suposta forma de proteção.

43. Quem sabe todos os planetas não são um ou mais seres do Mundo Primeiro? E as estrelas também? Quem sabe o próprio universo não seja uma experiência? Quem sabe ele é uma forma de olharmos e de vislumbrarmos a vida nas suas múltiplas matrizes? A isso poderia se dar o nome de tantas coisas: extraterrestres, seres primitivos, orixás, santos, espíritos... Quem sabe todas essas experiências não são apenas manifestações de dimensões diferentes e ainda não compreendidas no mundo, na Terra. A experiência humana na Terra é uma experiência singular, mas simples e pequena comparada ao Mundo Primeiro.

44. Por fim, acrescento que talvez seja comum o questionamento de saber qual é a sua razão nessa experiência humana na Terra. Qual é o propósito? Qual é o sentido? Percebam que em

qualquer sentido e propósito que não faça alusão a outras pessoas, nós nos perdemos. Talvez não seja um propósito necessariamente específico, – para uns sim, outros não – mas, com certeza, você encontrará o seu propósito quando ele for ligado ao bem coletivo, à simplicidade, à paz na Terra e a meios de promover mais conhecimento e expansão.

45. Vou repetir o ensinamento que eu deixei ao Fernando há um bom tempo atrás: confie, continue e compartilhe. Ao confiar, temos a fé de uma forma lógica, racionalizada, mas sem perder a experiencição única da espiritualidade e suas emoções. Continuamos porque temos essa fé e vamos continuar propagando e disseminando o bem. Ao confiar e continuar, nos tornamos sábios. Como não há sabedoria sem compartilhamento, então precisamos compartilhar com os outros o que aprendemos. Confie, continue e compartilhe! É aí que se encontram o sentido e o propósito da experiência humana na Terra.

Fátima fala sobre a ideia de vida, percepção, e propósito no contexto da Terra e do que se chama de “Mundo Primeiro”, algo além da nossa compreensão comum.

A Vida no Ar e a Natureza como um Todo

Fátima diz que, segundo algumas filosofias e religiões, como as que falam dos orixás, existe vida no ar, uma energia que envolve tudo. Ela propõe que, ao invés de sermos apenas indivíduos sepa-

rados, esses seres (como os orixás) poderiam ser muitas consciências juntas, sem um “eu” individual, apenas como uma força coletiva que se une para existir e se expressar na Terra.

A Montanha como uma Encarnação Coletiva

Fátima usa a metáfora de uma montanha para explicar que ela poderia ser vista como uma união de muitas entidades espirituais, reunidas em uma experiência comum. Mesmo não tendo controle total, essas entidades poderiam sentir o movimento da Terra e a sua própria transformação ao longo do tempo. A ideia aqui é que uma montanha pode ser muito mais do que um simples pedaço de terra; ela poderia representar uma experiência coletiva de seres espirituais.

O Mundo Primeiro e o Infinito em Elementos Minúsculos

Aqui, Fátima fala sobre o conceito de um “Mundo Primeiro”, que seria um lugar fora da nossa percepção, muito pequeno e invisível aos nossos olhos, mas que conteria um universo inteiro, com muita velocidade e profundidade. É uma maneira de mostrar que existem outras dimensões da realidade que não conseguimos perceber com os sentidos normais, mas que são imensas e complexas.

Realidade Além da Percepção Física

Fátima menciona que o Mundo Primeiro não é necessariamente um “lugar espiritual”, mas uma realidade invisível aos nossos olhos

físicos. Quando a humanidade entender melhor as múltiplas dimensões da realidade, será possível se conectar e entender essas outras formas de existência, que fogem da nossa visão limitada de tempo e espaço.

O Propósito da Experiência Humana

Fátima afirma que a vida humana na Terra não é só sobre buscar perdão ou resolver conflitos passados. A experiência humana é muito mais complexa e tem a ver com o desenvolvimento dos seres humanos, com a forma como vivemos e nos transformamos ao longo do tempo. Mesmo com todos os sofrimentos, alegrias e desafios, o propósito principal é o aprendizado e o crescimento.

A Simplicidade da Vida

Fátima enfatiza que, embora as expressões de poder ou ostentação possam parecer importantes, elas desaparecerão com o tempo. O que realmente importa é o desejo de se conectar com os outros, de buscar comunhão e amor. A Terra, como um ser vivo, nos ensina que não somos superiores a nada e ninguém; todos fazemos parte de algo maior.

A Terra Como um Ser Vivo

Fátima sugere que a Terra, talvez, seja um ser do Mundo Primeiro ou uma junção de muitos seres espirituais que experienciam o que é ser um planeta. Ela nos convida a mudar a nossa perspectiva de que os humanos são superiores, reconhecendo que a Terra e os elementos naturais têm tanto valor quanto nós. A ideia é expandir a

visão de que a vida na Terra é uma experiência compartilhada entre todos os seres: humanos, animais, plantas e até mesmo o planeta.

O Universo Como Uma Experiência de Vida

Fátima também propõe que talvez todos os planetas, estrelas e até o próprio universo sejam manifestações de seres do Mundo Primeiro, com cada parte do universo sendo uma experiência de vida, algo muito maior do que imaginamos. Ela sugere que todas as diferentes entidades e forças (como orixás, espíritos, extraterrestres) poderiam ser maneiras diferentes de compreender essas múltiplas dimensões da realidade.

O Propósito Humano

Em relação ao propósito da vida, Fátima diz que não existe um único propósito para todos, mas, de forma geral, o propósito de vida de cada ser humano está ligado ao bem coletivo, à simplicidade, à paz e à promoção de conhecimento e expansão. Quando nossas ações se conectam com o bem dos outros, encontramos o verdadeiro propósito.

Confiança, Continuidade e Compartilhamento

Por fim, Fátima compartilha um ensinamento importante: confiar, continuar e compartilhar. Confiar é ter fé, continuar é seguir adiante com essa fé, e compartilhar é passar o que aprendemos aos outros. É assim que, ao viver com simplicidade e sabedoria, podemos encontrar o verdadeiro propósito de nossa experiência humana.

Desta forma, Fátima nos ensina que a vida na Terra é apenas uma parte de uma experiência muito maior, cheia de mistérios e dimensões que não conseguimos ver ainda. O propósito não é só resolver questões do passado ou buscar poder, mas aprender e crescer juntos, sempre buscando o bem coletivo.

A ideia primordial: a Força Criadora

46. Todas as ideias, sem exceção, se constroem e consolidam através da identificação. Assim foi com a ideia de deuses como pessoas que eram imortais, mas tinham forma humana. Não digo pessoas como seres vivos, mas sim como expressões da forma humana em uma condição de imortalidade. Em outras culturas, há exemplos de semideuses, fruto da união entre deuses e mortais, interessados em controlar, segregar, escravizar os seres que estavam na Terra.

47. A ideia que trago é completamente diferente. É uma ideia de experiência humana, mas uma experiência com responsabilidade, em que, ao reencarnar, temos a responsabilidade pelo corpo em que nós experienciamos a vida física, não como um local onde seres superiores estivessem interessados em manter uma guerra, uma luta, uma batalha ou uma escravização. Se alguns seres, ao perderem o corpo físico, sentem isso no Mundo Primeiro, não é essa a base do pensamento do que queremos propor aqui.

48. Propomos a ideia de um Criador? Sim, mas um criador parcial e não total. Trazemos uma ideia que vamos chamar de Ideia Primordial, a primeira ideia, que consiste em criação e criatura.

Posso me servir muitas vezes do termo criador ou co-criador, porque é mais fácil que vocês compreendam, mas a ideia que proponho é eminentemente nova para as filosofias, doutrinas e religiões. Trago a ideia de que, ao invés de deuses ou de Deus, existe a Força Criadora. Mas por que o nome Força Criadora?

49. Porque quando uma gota entende, através dos milênios, que será mais forte sendo gota junto ao oceano, esse oceano, por mais que seja milhares de gotas, transforma-se em algo a que, se fosse produzido de forma muito grandiosa, eu daria a ideia de Força. O que hoje vocês concebem como sendo universo em expansão, eu compreendo como uma das manifestações da Força Criadora na concepção de uma singularidade de tempo e espaço, de dimensão possível. Uma de múltiplas manifestações, pois é importante ressaltar que nossa atual realidade não é a única e nem o fim de tudo.

50. Trago o exemplo novamente da bomba atômica como marco da utilização inadequada da ciência para a vida humana, na qual o encontro de dois elementos faz com que uma quantidade de energia, algo que não existia, se materialize, tome forma e, nesse caso, gere a destruição. Mas imaginem que, com alguns elementos, uma Força Criadora, não um ser ou uma personificação de um ser, mas um oceano, uma Força Criadora de milhares e milhares de gotas se juntasse para não ser apenas um cérebro, mas para ser milhares e milhares de cérebros em uma construção que ainda é inimaginável para o ser humano.

51. É como se essa Força criasse, com esses elementos, por meio força do pensamento e dessa manipulação, as transformações

de algo que não existe, mas que na junção de outros elementos passe a existir, se transforme, expanda e ganhe cada vez mais crescimento.

52. Desta maneira, a ideia que trago é que muitos outros universos surgem, mas não de acordo com a perspectiva dimensional que se concebe na Terra nos dias atuais. Assim, nós temos uma Força Criadora que não julga, que não questiona, que não determina. Uma Força Criadora que disponibiliza novas fontes de vida, de amor, de amparo, de continuidade e de oportunidade para que os seres do Mundo Primeiro possam gerar mais vida e participar dessa vida.

53. O vínculo do pensamento, como acontece de várias formas no universo, atravessa esses espaços longínquos e torna-se uma comunicação emanante. Logo, na oração pela fé, em qualquer religião, verdadeiramente pensando-se nessa Força Criadora, você, que é gota, passa a sentir a força do oceano de milhares de gotas. Isso estabelece vínculos, força, cura e transformação, algo que não sabemos explicar e que muitos vão chamar de milagres, enquanto outros não vão compreender naquele instante.

54. Assim, os budistas, em meditação, encontram a Força Criadora; assim os católicos, em oração, encontram a Força Criadora com outros nomes; assim os umbandistas e candomblecistas encontram a Força Criadora com outros nomes. É por isso que todas as religiões são bem-vindas a essa Filosofia de vida. Porque não importa a forma específica de manifestação desse “link¹⁹”, dessa comunicação com a Força Criadora. O que importa é que, ao sairmos

¹⁹ Conexão.

do oceano, nós assumimos a angústia da existência e precisamos, de vez em quando, retornar e sentir o contato da energia dessa Força Criadora.

55. Na Terra, então, encontra-se uma perspectiva onde os interesses de poder, os interesses de perpetuação cultural e os interesses de sobrevivência moldam o que supostamente Deus, o Criador, quer de nós. Talvez alguns pensem: “Mas se não há um Deus, um propósito para mim de forma direta, para quê serve a minha existência?”. Essa é uma forma muito pequena e infantil de elaborar a ideia que trago.

56. Porque quando se compreende que, mesmo sendo uma gota, se encarna em um ser para experienciar a vida humana e trazer um pouco mais de paz e de acolhimento à Terra, o propósito se expande e se apropria de uma forma muito maior. Não para que os outros vejam que você é feliz e poderoso, mas para que os outros sintam quão bom é viver na Terra e a sua mera presença faz isso. Você não terá aplausos e talvez não tenha reconhecimento pelo fato de ter compartilhado um bem maior. Inclusive, embora muitos aludem a uma suposta missão individual ligada a um bem maior, o que realmente importa é a participação na realização coletiva desse bem maior.

57. Não existe bem maior enquanto as pessoas passam fome, não existe bem maior enquanto as pessoas são escravizadas, torturadas, sequestradas, assassinadas. Não existe bem maior enquanto houver corrupção e maldade. Enquanto um único ser sofre, nosso trabalho continua, pois não há libertação fora da coletividade, da

unidade que somos enquanto oceano. Se uma única gota está contaminada, o oceano inteiro sente. Se uma única pessoa sofre, sentimos.

58. Então trago a ideia de propósito vinculada a essa ideia primordial da Força Criadora, como um elemento de se pensar o quão minúsculo nós somos e que não se traduz de nenhuma forma qualquer ideia de prepotência, arrogância e vaidade na Terra. Mesmo assim, a ideia que eu trago da Força Criadora ainda não irá traduzir o tamanho do que podem ser as construções desse universo ao longo da criação.

59. A Força Criadora é, desta forma, de onde nós viemos, o que nós buscamos em oração e meditação, e para onde nós voltaremos inevitavelmente. Não por um tempo indeterminado, mas como um oceano que precisa que partamos, construamos, possamos desenvolver e voltemos. Assim, jamais estaremos sozinhos, jamais estaremos perdidos, jamais estaremos sem propósito, jamais estaremos desamparados.

60. É desta forma que busco não adeptos, mas despertados, para que possamos, nesse despertar, nos vincularmos pelo interesse no bem coletivo. Que a ideia da Força Criadora não vos confunda, mas desconstrua. Que a ideia da Força Criadora não desassocie a importância da busca, mas demonstre que o saber está só no começo de ser buscado.

Fátima apresenta uma reflexão filosófica e espiritual profunda, abordando a ideia de uma “Força Criadora” como uma explicação para a origem e a natureza do universo, do ser humano e da vida.

A ideia de deuses e a criação

Fátima começa falando sobre como as ideias de deuses e de um criador surgem nas culturas. Em muitas religiões, os deuses são representados como seres imortais que têm forma humana. A ideia aqui é de que essas ideias surgem a partir da identificação do ser humano com o divino, ou seja, criamos uma imagem de deuses baseados em nossa própria forma e experiência.

A experiência humana e a reencarnação

Em seguida, Fátima apresenta uma ideia diferente: ao invés de um deus ou deuses, ela fala de uma “Força Criadora”. Ela propõe que a vida humana não é um campo de batalha ou de luta com seres superiores, mas uma experiência de responsabilidade. Quando reencarnamos, assumimos a responsabilidade pelo corpo e pela vida que temos, e nossa experiência de vida não é uma guerra entre deuses ou seres poderosos.

A Força Criadora

A “Força Criadora” é uma ideia central do texto. Ela não é um ser específico, como um deus personificado, mas sim uma energia ou força universal que está por trás da criação. Fátima utiliza a metáfora do oceano e das gotas para explicar essa força: assim como

uma gota faz parte de um oceano, cada ser humano é uma parte dessa força maior, e juntos podemos criar algo ainda mais poderoso. Ela sugere que o universo em expansão é uma das manifestações dessa Força Criadora.

O mal uso da ciência e a potencialidade da Força Criadora

Fátima faz uma comparação entre a energia nuclear, que pode ser mal utilizada, e a Força Criadora. Enquanto a ciência pode ser usada para destruir (como no caso da bomba atômica), a mesma força pode ser usada para criar e transformar positivamente a realidade. Ela imagina uma construção coletiva de inteligência e poder, muito além da compreensão humana atual.

A Força Criadora e a vida religiosa

Fátima fala sobre como, em diferentes religiões e práticas espirituais (como o Budismo, Catolicismo, Umbanda e Candomblé), as pessoas se conectam com essa Força Criadora de diferentes maneiras. O importante, segundo ela, não é a forma específica de conexão, mas o fato de que todos, de alguma forma, buscam essa energia maior, que traz cura, transformação e conexão com o todo.

O propósito da vida

A partir dessa ideia de Força Criadora, Fátima sugere que o propósito da vida não é algo egoísta ou individual, mas algo coletivo. Mesmo que não tenhamos reconhecimento por nossas ações, devemos agir para o bem coletivo, ajudando a aliviar o sofrimento dos

outros e trabalhando pela paz e harmonia no mundo. Ela ressalta que enquanto houver injustiças e sofrimentos no mundo, o trabalho de todos nós continua, pois todos estamos interconectados.

A importância de compreender nossa pequenez e nosso propósito

Fátima também nos lembra de que somos apenas uma “gota” em um vasto oceano, e nossa existência não deve ser vista com arrogância. A ideia de um propósito maior não deve ser confundida com vaidade ou prepotência, mas deve ser entendida como um chamado para contribuir com algo maior do que nós mesmos. A Força Criadora é de onde viemos e para onde vamos, e nunca estamos sozinhos ou sem propósito.

Despertar coletivo

Por fim, Fátima não está tentando formar seguidores ou adeptos de uma nova crença, mas sim despertar as pessoas para a importância de se conectar com essa Força Criadora de forma coletiva. O conhecimento está apenas começando, e o objetivo é que, ao “despertar”, possamos trabalhar juntos para o bem de todos, superando as divisões e os interesses egoístas que existem no mundo.

Desta forma, Fátima propõe uma visão de mundo em que não há um deus pessoal ou uma figura central, mas sim uma Força Criadora que é a base de tudo. Todos somos parte dessa força, e nosso propósito é viver de maneira responsável e em harmonia com o todo. A ideia central é de que devemos focar no bem coletivo, ajudando uns aos outros e transformando o mundo para melhor. A

espiritualidade, portanto, não é sobre poder ou reconhecimento pessoal, mas sobre nossa conexão com essa força maior e a contribuição para o bem de todos.

Diferentes perspectivas dimensionais

61. Nas diferentes perspectivas dimensionais, os seres se comunicam, se deslocam e percebem a sua existência de uma forma distinta, de uma forma única e, na maioria das vezes, bem diferente de como é percebido na Terra em sua perspectiva tridimensional. Por isso, para facilitar, como é a proposta, este ensaio de um livro em uma perspectiva filosófica, cabe a mim dar e trazer ideias, trazer analogias para facilitar a compreensão de você que me lê e que busca desconstruir suas ideias e se reconstruir nessa desconstrução percebida.

62. As dimensões são como uma torre. Pense em uma torre de onze andares: nessa torre, de onde eu estou agora, posso perceber o sétimo andar, mas vocês na Terra nem alcançaram o primeiro andar ainda. Vocês que estão na Terra não veem a mim, que estou no sétimo andar, mas eu posso ver todos os andares abaixo, só não posso ver os andares acima. Isso porque uma das perspectivas que muda é a velocidade dos seres pela velocidade da frequência percebida.

63. As pessoas imaginam que nós subimos aos píncaros, mas nós diminuimos ao ínfimo e a diminuição na perspectiva humana é o aumento na perspectiva referente à massa, referente ao universo.

Sendo assim, quando observo o sexto andar, eles estão em uma velocidade menor, no quinto andar menor ainda e, na Terra, quase parando.

64. Posso me modular para perceber as dimensões de formas distintas, mas não posso subir em modulação para andares mais altos. Mas isso não encerra o assunto, porque o movimento entre andares não se dá apenas por uma ideia de evolução vertical (algo que, na minha perspectiva, não é real). A evolução é horizontal, é com o outro, é na prática da percepção das coisas e de como nós trocamos com as coisas e com os seres. Sendo assim, quanto melhor respeitarmos e entendermos o que sentimos, na forma das nossas emoções e sentimentos através das sucessivas vidas, melhor poderemos migrar através dessas dimensões.

65. Não migramos através dos corpos que usamos nessas dimensões, mas através da nossa essência, que alguns vão chamar de luz, outros de alma ou espírito, mas que é a essência do Mundo Primeiro. É importante falar que não somos indivisíveis, porque muitos acham que nós seremos únicos através das dimensões, através da perspectiva de tempo, de espaço. Pense que nós somos um raio de luz: um raio de luz pode se fragmentar e, na fragmentação desse raio de luz, pode se estar no primeiro, segundo, terceiro e até o décimo primeiro andar. É a mesma luz fragmentada em andares diferentes, que se comunicam entre si, mas que não necessariamente percebem essa comunicação, salvo em alguns casos, como o que vocês chamam de canalização ou de incorporação. Muitas vezes, alguns médiuns ou canalizadores pensam captar espíritos sublimes e

são apenas eles mesmos fragmentados ou em uma relação de tempo e espaço diferente.

66. A afinidade entre as emanções de um mesmo raio é tão grande que, quando eles estão no Mundo Primeiro, podem se comunicar através da capacidade psíquica do médium e o médium achar que é um ser completamente diferente, quando, na verdade, trata-se dele mesmo em outra dimensão, em outra temporalidade. Não espero que concordem nem que entendam em um primeiro momento, porém é necessário falar sobre isso, porque as pessoas na Terra continuam comparando o Mundo Primeiro com a realidade das suas perspectivas, mas a realidade não é essa.

67. Faltou elemento de comparação a Platão para falar sobre o Mundo Primeiro, sobre o mundo da caverna, mas se faz necessário agora falarmos pela Filosofia de Fátima, uma perspectiva mais abrangente. Nós estamos em contato conosco e com os outros o tempo inteiro, a todo momento.

68. Nesse mesmo momento, talvez não percebam nos áudios, mas a Luísa, que faz a transcrição das comunicações durante o meu transe com o Fernando, pôde ouvir: pássaros perceberam minha presença e ficaram voando ao redor da casa do médium durante muito tempo, foram maritacas que depois se afastaram quando eu modulei a frequência. A frequência é como um sinal radiofônico, como uma onda marítima. Ela é percebida por outros seres, assim como muitas outras coisas que não são percebidas por vocês que estão na Terra.

69. Concluo essa primeira ideia sobre as diferentes perspectivas dimensionais e acredito que todos os pontos aqui traçados no livro deveriam ser mais bem dialogados e estudados por vocês. Posso, porventura, posteriormente trazer temas específicos para falar de cada ponto, contudo, o que cabe nesse momento é abrir a mente com pelo menos uma pequena semente, um gosto do que possa ser a realidade do Mundo Primeiro em várias dimensões.

Este trecho trata de uma visão filosófica e espiritual sobre a existência humana e a ideia de dimensões, explorando como os seres podem perceber a realidade de formas diferentes dependendo de sua “frequência” ou perspectiva.

A ideia de múltiplas dimensões

Fátima explica que existem diferentes “dimensões” de realidade, que são maneiras distintas de perceber o mundo. Na Terra, nossa visão e percepção da realidade são limitadas por nossa experiência tridimensional (ou seja, percebemos o mundo em três dimensões: altura, largura e profundidade). No entanto, há outras dimensões, em que os seres podem perceber e se deslocar de maneiras completamente diferentes.

A metáfora da torre

Uma analogia é usada para explicar essa ideia de dimensões. Imagine uma torre com onze andares. A pessoa que está no sétimo andar consegue ver todos os andares abaixo, mas não os andares

acima. A ideia aqui é que, enquanto estamos na Terra, podemos perceber apenas uma parte da realidade (o “primeiro andar”), mas existem outros seres que percebem realidades mais complexas (estando em andares mais altos).

Velocidade e frequência

Uma chave para entender essa diferença entre as dimensões é a “frequência”. Cada ser tem uma frequência diferente de percepção, o que significa que alguns seres podem perceber o mundo de uma forma mais “rápida” ou mais “devagar” do que outros. Por exemplo, um ser em uma dimensão mais alta (no “sétimo andar”) percebe a realidade de maneira mais veloz, enquanto seres na Terra (no “primeiro andar”) têm uma percepção mais lenta.

A evolução não é vertical, mas horizontal

Fátima sugere que a evolução não é um processo de “subir” ou se tornar “melhor” (como se fosse um andar mais alto), mas sim algo que acontece de forma “horizontal”. Ou seja, a evolução ocorre através das nossas interações com o mundo e com os outros. Quanto mais entendemos e respeitamos nossos sentimentos e emoções, mais conseguimos evoluir e “migrar” entre essas dimensões.

O conceito de “essência”

Quando falamos de evolução e migração entre dimensões, não estamos falando do corpo físico, mas da nossa “essência”. Essa essência, que algumas pessoas chamam de “luz”, “alma” ou “espírito”,

é o que realmente nos conecta com o “Mundo Primeiro” (um lugar ou estado de realidade superior). Fátima compara essa essência a um raio de luz que pode se fragmentar e estar presente em diferentes dimensões ao mesmo tempo.

Fragmentação da essência e comunicação entre dimensões

Fátima explica que, embora nossa essência possa se fragmentar em diferentes dimensões, ela mantém uma forte conexão entre si. Isso significa que, mesmo em dimensões diferentes, as partes de nós podem se comunicar, embora muitas vezes não sejamos conscientes disso. Alguns médiuns ou pessoas que praticam a canalização podem, sem saber, estar se comunicando com suas próprias partes fragmentadas em outras dimensões, em vez de com “espíritos” de outros seres.

O mundo invisível e a comunicação psíquica

Através da percepção psíquica (como a mediunidade), podemos captar sinais de outras dimensões, embora muitas vezes esses sinais não sejam visíveis para todos. Fátima dá o exemplo de pássaros que percebem sua presença quando ela modifica sua “frequência”, mostrando como seres de outras dimensões podem perceber e reagir a essa mudança de frequência, mesmo que nós, na Terra, não consigamos perceber.

O Mundo Primeiro e a percepção da realidade

Fátima afirma que as pessoas na Terra frequentemente comparam a realidade do “Mundo Primeiro” (essa dimensão superior) com a realidade da Terra, mas as duas realidades são muito diferentes. O Mundo Primeiro não pode ser compreendido da mesma forma que a realidade em que vivemos, pois há uma diferença fundamental nas formas de perceber o tempo, o espaço e as experiências.

Fátima expressa a intenção de abrir a mente do leitor, plantando uma “semente” de pensamento sobre como as diferentes dimensões funcionam. Ela espera que os leitores comecem a refletir sobre essas ideias e, talvez, em outro momento, ela possa aprofundar o tema, trazendo mais explicações sobre os pontos que levantou.

Sendo assim, Fátima está nos convidando a pensar sobre a existência de diferentes dimensões, ou formas de perceber a realidade, além da nossa experiência comum na Terra. Ela usa a metáfora de uma torre de andares para explicar que, enquanto estamos no “primeiro andar” (a realidade da Terra), existem outros seres em “andares” mais altos, com diferentes formas de perceber o mundo. A evolução não é uma ascensão vertical, mas uma evolução mais “horizontal”, que acontece através das nossas interações e do entendimento das nossas emoções. Fátima também sugere que nossa essência (alma, luz, espírito) pode se fragmentar e se comunicar através dessas dimensões, e que a realidade que percebemos na Terra é apenas uma pequena parte de algo muito maior e mais complexo.

O ser na temporalidade

70. Uma das formas de perspectiva do Mundo Primeiro é a da torre, que eu trouxe a vocês, como perspectivas dimensionais distintas. Não como locais diferentes, mas sim dimensões de perspectivas diferentes, sendo uma delas a temporalidade. A partir da imagem do raio de luz, compreendam que nós poderíamos estar vivendo, não ao mesmo tempo, mas em tempos diferentes, sem que, com isso, saibamos. Muitas vezes, vamos interpretar isso como reencarnações, porque achamos que o tempo transcorre de trás para frente.

71. Então podemos achar que fomos a reencarnação de um determinado personagem histórico, mas não entendemos que essa vida pode estar ocorrendo agora, neste exato momento, assim como podemos não perceber o transcurso simultâneo de uma vida daqui a cinco mil anos.

72. Tal possibilidade, dentro dessa perspectiva de tempo, espaço, gravidade e transcurso do movimento terrestre no seu sistema solar e galáxia, não permite uma compreensão clara de como se daria um transporte através do tempo (e não é essa minha intenção), mas nós podemos perceber de acordo com a nossa frequência vibratória, através de um tempo limitado de acordo com a nossa capacidade de compreensão.

73. Sendo assim, muitos de nós podem estar encarnados, como eu estou encarnada na Terra e em outros orbes em temporalidades

diferentes, perspectivas muito diferentes, inclusive do ponto de vista de seu propósito na Terra e de sua dimensão de atividade, mas que não deixam de ser eu. Inclusive, eu sou apenas um fragmento de uma luz muito maior, que se fragmentou em milhares de outros pedaços, que seria a Força Criadora.

Fátima aborda a ideia de dimensões temporais e como podemos estar vivendo em diferentes tempos e realidades, sem perceber.

Perspectivas dimensionais e a “torre”

Fátima começa relembrando a ideia da “torre” que foi apresentada anteriormente, para explicar como as dimensões funcionam. Não estamos falando de “locais” diferentes, como se houvesse lugares separados, mas de formas diferentes de perceber a realidade. Cada uma dessas formas pode nos mostrar algo diferente sobre o tempo, o espaço e a existência.

O conceito de tempo em múltiplas dimensões

Uma das perspectivas dimensionais que Fátima menciona é o tempo. Ela sugere que o tempo, como nós o entendemos, não é necessariamente uma linha reta, como pensamos — com o passado atrás de nós e o futuro à nossa frente. Na visão de Fátima, podemos estar vivendo em diferentes tempos ao mesmo tempo, sem saber. Por exemplo, achamos que nossas vidas passadas, ou vidas futuras,

aconteceram em momentos distintos, mas, de acordo com essa visão, essas vidas podem estar acontecendo simultaneamente.

Reencarnação e a percepção do tempo

Fátima fala sobre a reencarnação e como muitas pessoas pensam que fomos uma pessoa histórica em outra vida, ou que vamos viver em um futuro distante. Mas, segundo ela, isso pode não ser exatamente o caso. A nossa vida atual pode estar acontecendo ao mesmo tempo de uma vida em outro período — como se tivéssemos várias versões de nós mesmos vivendo em diferentes tempos, mas sem perceber.

Como percebemos essas realidades

Fátima explica que essa ideia de viver em diferentes tempos é difícil de entender, especialmente porque o nosso modo de perceber o tempo está muito ligado à frequência vibratória com que vivemos. Ela sugere que a nossa capacidade de entender essas diferentes realidades depende de como a nossa frequência vibratória está ajustada. Ou seja, a maneira como percebemos o mundo, o tempo e as dimensões está limitada pelo nosso nível de compreensão e percepção.

Fragmentação da luz e múltiplas existências

Por fim, Fátima revela que ela, assim como todos os seres, não é uma pessoa única e indivisível, mas um fragmento de uma luz maior, que ela chama de Força Criadora. Essa luz se fragmenta em muitas

partes e, cada parte, por sua vez, pode estar vivendo em diferentes tempos, lugares e dimensões. Assim, Fátima diz que ela (e todos nós) somos como uma parte de uma grande energia ou luz que se espalha e se manifesta de diferentes formas e em diferentes momentos.

Fátima nos convida a pensar sobre a ideia de que o tempo não é algo linear (não é passado, presente e futuro de forma separada), mas pode ser algo mais flexível. Ela sugere que, em vez de termos “vidas passadas” ou “futuras”, todas as nossas vidas podem estar acontecendo ao mesmo tempo. E, para compreender isso, precisamos entender que somos todos fragmentos de uma grande luz, chamados de “Força Criadora”, e que nossa percepção do tempo e das dimensões depende da nossa capacidade de compreender e sentir a realidade.

As religiões

74. As religiões, portanto, são necessárias para uma tentativa de sair do emaranhado da complexa teia de ideias conduzidas para controle e poder no mundo terrestre. A partir da religião, podemos trazer novos pensamentos.

75. Lamento muito que as religiões, ou pelo menos a maioria delas, tenham virado palco para esse mesmo poder e controle. A Filosofia de Fátima, por sua vez, tem um viés interreligioso. Na nossa perspectiva, você pode ser adepto da Umbanda e crer que está recebendo entidades como Exu, Pomba Gira ou Preto Velho e elas

serem, na realidade, seres de frequência tão profundas que, se viessem na forma de uma luz ou de uma figura geométrica, vocês não compreenderiam. Se a linguagem delas fosse distante da linguagem religiosa, vocês não entenderiam. Logo, é necessário se apresentarem com a imagem que vocês conhecem. O mesmo ocorre no Espiritismo, com Bezerra de Menezes, Emmanuel e os demais espíritos. Da mesma forma, no catolicismo pode ser feita a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, São Francisco e outros santos. São apenas imagens, roupagens para a adequação de uma linguagem, uma comunicação cultural e linguística que lhes permite serem compreendidos.

76. Muitos dos espíritos, das energias e dos seres de frequência mais elevada se apresentam como Exus, por exemplo. Fumam e bebem porque a cultura local assim exige, mas não têm traços de nenhum tipo de vício humano — fazem isso apenas para facilitar a linguagem. Ocupando aquele ser como um “avatar”, dentro daquela atmosfera de entendimento, as pessoas vão entender e, então, eles podem falar: “Sejam humildes, não matem, não roubem, não realizem maldades, não agridam os outros, deem de comer, deem de vestir, sejam bons.” Cada um desses seres fala na sua linguagem própria e, ainda que se sirvam de aparatos (como velas ou crucifixos), são aparatos linguísticos e culturais. A essência é o que importa.

77. Sempre temos que separar a forma e a essência, na religião. A forma é a linguagem, a essência é a comunicação direta que se dá com todas as coisas — e que pode ser compreendida se não houver preconceito ou ideias “preconcebidas”. São as religiões, portanto,

nesse atual cenário na Terra, um espaço em que podemos nos comunicar. Outros seres, por sua vez, se apresentam em meios de comunicação ufológica, o que consiste em um espaço importante de comunicação.

78. No entanto, a Filosofia, para mim, ainda é um meio de comunicação muito mais poderoso. Porque a ciência, na sua concepção positivista, vai atingir um determinado ponto limítrofe dentro da possibilidade de percepção dos equipamentos tecnológicos. Igualmente, a religião vai se deparar com uma linguagem e uma compreensão limitadas. Mas a Filosofia me permite desconstruir, desmontar as ideias — e basta uma ideia para que uma pessoa ou uma sociedade inteira sejam conduzidas à guerra ou à paz.

Fátima trata da importância das religiões, da forma como elas podem ser usadas para controle e poder, e como a Filosofia, em sua visão, oferece uma forma mais profunda e poderosa de comunicação.

O papel das religiões

Fátima diz que as religiões são necessárias porque elas podem ajudar as pessoas a sair de um emaranhado de ideias que são usadas para controlar e dominar as pessoas no mundo. Ou seja, as religiões, quando bem interpretadas, podem trazer novos pensamentos e novas formas de ver o mundo. Mas Fátima lamenta que muitas religiões acabaram se tornando ferramentas de poder e controle, em vez de ajudarem as pessoas a se libertarem desse controle.

Religiões e imagens simbólicas

A Filosofia de Fátima, mencionada por Fátima, é interreligiosa, ou seja, respeita e integra várias religiões. Ela explica que você pode ser parte de uma religião como a Umbanda e acreditar em entidades como Exu, Pomba Gira ou Preto Velho, que, na verdade, são seres de alta frequência espiritual. Eles se apresentam dessa forma (como figuras ou entidades que já conhecemos) para facilitar a comunicação, porque, se se mostrassem como luzes ou formas mais abstratas, as pessoas não entenderiam. O mesmo vale para os espíritos no Espiritismo (como Bezerra de Menezes ou Emmanuel) ou para figuras no catolicismo (como Nossa Senhora de Nazaré ou São Francisco). Essas imagens, ou “roupagens”, são apenas formas simbólicas para facilitar o entendimento da mensagem profunda que esses seres querem transmitir.

Como os espíritos se apresentam

Fátima também explica que muitos espíritos ou seres espirituais, especialmente os de frequência mais elevada, se apresentam de uma forma adaptada ao que as pessoas podem entender. Por exemplo, em algumas religiões afro-brasileiras, espíritos como Exu podem fumar ou beber, mas isso não significa que eles têm vícios humanos. Eles fazem isso apenas para se adaptarem à cultura local e conseguirem comunicar suas mensagens de maneira mais compreensível. Quando esses seres falam, geralmente estão trazendo ensinamentos sobre humildade, bondade, respeito ao próximo e outros princípios éticos importantes.

Forma e essência nas religiões

Fátima destaca a importância de separar a forma e a essência nas religiões. A forma é como a mensagem é apresentada: as imagens, os símbolos, os rituais e as palavras que usamos. A essência é a mensagem real, o ensinamento profundo que se transmite através dessa forma. Se uma pessoa conseguir entender a essência, sem se prender à forma ou aos preconceitos que possa ter sobre aquela religião ou cultura, ela pode perceber a verdade por trás de qualquer religião ou sistema de crença.

A Filosofia como meio de comunicação

Embora as religiões e a ciência sejam formas de comunicação importantes, Fátima acredita que a Filosofia é um meio muito mais poderoso. Ela explica que a ciência, com seus equipamentos e tecnologia, tem limites. Ela só pode compreender até onde seus instrumentos permitem. As religiões também têm suas limitações, pois sua linguagem e compreensão são restritas. Já a Filosofia tem o poder de desconstruir e reconstruir ideias. E muitas vezes, uma única ideia filosófica pode ser suficiente para transformar uma pessoa ou até uma sociedade inteira, seja para conduzir à guerra ou à paz. Ou seja, a Filosofia é vista como uma ferramenta para ir além das limitações da ciência e da religião, permitindo que as pessoas reflitam profundamente sobre a vida, a existência e as escolhas que fazem.

Fátima fala sobre o papel das religiões, que, embora sejam necessárias, muitas vezes acabam sendo usadas para controlar as pessoas. Ela sugere que as religiões são formas de comunicação que ajudam

a transmitir ensinamentos importantes, mas sempre por meio de símbolos e imagens que são adaptadas ao entendimento das pessoas. No entanto, ela acredita que a Filosofia é uma forma ainda mais poderosa de comunicação, pois permite desconstruir e reconstruir ideias, ajudando as pessoas a refletirem mais profundamente sobre o mundo e a transformar suas vidas e sociedades.

A desconstrução da ideia do indivíduo

79. Quando migramos do Mundo Primeiro para a Terra, esquecemos gradualmente as lembranças do passado. Esse esquecimento é temporário e faz parte do processo de descida ou diminuição da frequência vibratória. Essa perspectiva mais densa, mais próxima da gravidade da Terra, faz com que esqueçamos as nossas memórias de outras vidas, mantendo as ideias que aprendemos ao longo das experiências.

80. Quando reencarnamos, fora as lembranças de outras vidas, somos sujeitos impregnados por uma ideia biológica, genética, cultural, de conhecimento, de educação, e tudo isso promove uma ideia de individualidade. Contudo, o sofrimento da Terra nos impele à desconstrução da ideia do indivíduo. Aquilo que achávamos ser nosso era apenas uma ideia que vai sendo desconstruída com o tempo.

81. A morte nada mais é do que a perda dessa construção. É quando nós vamos gradualmente perdendo essa construção individual para entender o que somos no Mundo Primeiro, seja como fragmentos de luz ou como parte da luz, e nos sentirmos ela como um todo. Seja como a gota que se sente o oceano, seja como o oceano que se fragmenta enquanto gota. Estamos a todo momento sendo bombardeados por estímulos que nos levam a entender que somos nossas percepções, mas nós não somos aquilo que percebemos.

82. Diria que somos para deixar de ser. Construímos cuidadosamente essa ideia para iniciar logo em seguida o processo de desconstrução. Nos segregamos da luz primordial para entender que somos parte intrínseca dela e que nenhuma ideia de separação pode, de fato, nos distanciar dela ou uns dos outros.

Fátima fala sobre o processo de encarnação, esquecimento das memórias passadas, a individuação (a ideia de sermos seres separados uns dos outros) e o sofrimento que nos leva a perceber que, na verdade, somos todos parte de uma unidade maior.

Esquecimento ao nascer

Fátima começa dizendo que, quando migramos do Mundo Primeiro (onde estamos em uma frequência mais alta, mais conectados à essência universal) para a Terra, esquecemos, aos poucos, as memórias de nossas vidas passadas. Esse esquecimento é temporário e faz parte do processo de nos tornarmos mais densos e mais conectados com a realidade da Terra. A ideia aqui é que, ao nascer na

Terra, nossa frequência vibratória diminui, e isso nos faz perder as lembranças do que fomos antes.

A individualidade e o sofrimento

Ao reencarnarmos, nossa mente e nosso corpo começam a ser moldados por uma série de influências: nossa genética, a cultura em que nascemos, a educação que recebemos e as experiências de vida que vivemos. Isso tudo ajuda a formar a ideia de que somos indivíduos únicos. Mas, ao longo da vida, o sofrimento nos faz questionar essa ideia de individualidade. O sofrimento nos ensina que aquilo que pensávamos ser nosso (nossa identidade, nosso ego) é apenas uma construção mental que vai se desconstruindo com o tempo.

A morte e a desconstrução do “eu”

Quando morremos, o que acontece é que começamos a perder essa construção de quem achávamos que éramos. A morte, então, é entendida não como o fim, mas como o processo de perda dessa identidade individual para que possamos perceber nossa verdadeira natureza: como parte do Mundo Primeiro. Nesse Mundo, somos fragmentos de luz ou partes de uma luz maior, e começamos a perceber que não somos mais indivíduos separados, mas sim uma unidade, como uma gota de água que, ao se unir ao oceano, se sente parte dele. Ou, ao contrário, o oceano se fragmenta em gotas que, juntas, continuam a ser o oceano.

A separação e a verdadeira unidade

Fátima fala que estamos constantemente sendo influenciados por estímulos que nos fazem acreditar que somos nossas percepções (o que vemos, sentimos, pensamos). Mas a verdade é que não somos apenas aquilo que percebemos. O processo de vida é como uma construção do “eu” que depois será desconstruída. Começamos a acreditar que estamos separados da luz primordial, mas a verdadeira essência é que nunca estivemos separados. Na realidade, somos parte dessa luz e nunca poderemos nos distanciar dela.

Fátima nos diz que, ao nascer na Terra, esquecemos as memórias de outras vidas, e essa perda de memória acontece porque nossa frequência vibratória diminui quando passamos para o plano físico. A ideia de individualidade que desenvolvemos durante a vida é uma construção, e o sofrimento nos leva a questioná-la. Quando morremos, perdemos essa ideia de “sermos um indivíduo separado” e começamos a perceber que somos apenas partes de algo maior, como gotas de água que, ao se juntar, formam o oceano. O que realmente somos não pode ser separado dessa luz primordial, e a vida é um processo de desconstrução do ego para nos lembrarmos da nossa verdadeira essência.

A morte é transformação

83. A morte não tem nada de novo. A morte é uma transformação. É o corpo que fica para ser alimento da Terra, que se transforma em energia para a vida de outros seres. A essência daquele pensamento que, de alguma forma, se manifestou pelo corpo, continua a sua existência. Vestindo um corpo temporário, que ainda está

preso à ideia da forma, de um corpo, de uma relação construída por base da fala, da escuta, da escrita, ou seja, da sua maneira típica ou atípica de encarar o mundo.

84. A morte é, na realidade, uma grande transformação. Se soubéssemos entender a importância da morte nesse processo da vida, não tentaríamos extinguir a ideia dos que partiram, mas os valorizaríamos como os poderosos ancestrais que nos antecederam e nos deram espaço para a experiência única do agora, deste momento. Todos esses seres que se ancestralizam (até mesmo filhos e parentes que vieram depois de nós) são, na realidade, seres em transformação, que continuam seu processo, cada um na sua perspectiva. Uns mais rápidos, em adaptação, e outros menos.

85. É importante entender que o Mundo Primeiro é tão vasto e múltiplo em suas manifestações de como nós poderemos nos representar e atuar, que algumas religiões espiritualistas, que defendem a ideia de cidades espirituais como sua totalidade, parecem para nós um conto de crianças, haja vista que as possibilidades são muito mais abrangentes, embora faltem ainda elementos de comparação e analogia. Por isso Jesus usou as analogias e as metáforas em seus ensinamentos e pequenas histórias, para que as pessoas pudessem compreendê-lo através do tempo, ou, pelo menos, tentar compreender.

Este trecho aborda principalmente a ideia de morte e sua verdadeira natureza, além de refletir sobre a importância da transformação e a continuidade da vida além do corpo físico.

A Morte como Transformação, não Fim

Fátima começa afirmando que a morte não é algo novo ou algo a ser temido, mas sim uma transformação. O que acontece na morte não é o fim de tudo, mas a mudança. O corpo físico que morre se torna alimento para a Terra e se transforma em energia, que vai alimentar outras formas de vida. Ou seja, a morte do corpo físico é apenas uma troca de energia. Mas a essência de quem fomos, ou seja, nosso pensamento e sentimentos, continuam a existir. Isso significa que a nossa identidade não morre, mas se transforma, passando para outra forma de existência.

A Morte e a Percepção da Vida

Fátima diz que o motivo de muitas pessoas temerem a morte é porque ainda estão presos à ideia de que somos apenas o corpo físico e às relações materiais que construímos durante a vida, como a fala, a escrita, o trabalho, os relacionamentos. Porém, a morte nos mostra que, na verdade, somos algo além do corpo, e que nossa essência continua, mesmo depois da morte. O corpo é temporário, mas nossa verdadeira natureza não depende dele. A morte é, então, uma maneira de transformar essa essência em algo novo, mas nunca acabar com ela.

Valorização dos Ancestrais e a Transformação Contínua

Fátima também fala sobre como, ao invés de temer a morte e querer extinguir a ideia dos que partiram, deveríamos valorizar os que já morreram como ancestrais poderosos. Esses ancestrais nos

deram a chance de viver a experiência da vida no agora, neste momento. Eles continuam a transformar-se em outra forma, cada um de acordo com a sua evolução e entendimento, sendo que alguns evoluem mais rápido, enquanto outros, mais devagar. A ideia é que a morte não é um fim, mas uma transição, e devemos entender isso para valorizar o ciclo da vida.

O Mundo Primeiro e a Visão Espiritual

Fátima fala sobre o Mundo Primeiro, um lugar ou estado de existência que é muito mais vasto e complexo do que as ideias que temos sobre a vida após a morte. Algumas religiões espirituais, que falam sobre cidades espirituais, podem parecer limitadas ou até infantis, pois as possibilidades de transformação e evolução no Mundo Primeiro são muito mais amplas. No entanto, como não temos como compreender essas realidades mais complexas diretamente, as religiões tentam nos ajudar a entender a vida espiritual usando metáforas e analogias simples, como Jesus fez com suas histórias, para que as pessoas pudessem entender conceitos profundos de uma maneira acessível à sua época.

Desta forma, Fátima nos diz que a morte não é o fim, mas uma transformação. O corpo morre e se torna parte da Terra, mas nossa essência, o que realmente somos, continua. Precisamos entender que nossa identidade não está no corpo físico, mas na essência que não morre. Os ancestrais que partiram antes de nós devem ser vistos como parte desse processo de transformação, e devemos valorizar essa continuidade da vida. O Mundo Primeiro é muito mais vasto do que imaginamos, e, por isso, as religiões usam metáforas para

nos ajudar a entender realidades espirituais que estão além da nossa capacidade de compreensão direta.

Parte II – A Terra

A vida em sociedade

86. Sempre que falarmos sobre a vida em sociedade, temos que lembrar que estamos vestindo um corpo primitivo, com instintos primitivos de sobrevivência, perpetuação da espécie e outros. Viver em sociedade é criar conexões e reaprender ou aprender valores que vão nos colocar em novos patamares na nossa forma de sobreviver e lidar com essa existência, já que a ideia de que temos um tempo curto é realmente verdade nesse corpo — e nós precisamos sobreviver da melhor forma.

87. Há algumas ideias que acham que devemos acumular riquezas, outras acham que devemos dividi-las e compartilhar, e outras que ficam em uma perspectiva entre o acúmulo e o compartilhamento, seja de forma honesta ou hipócrita. Seja como for, viver em sociedade é, ainda assim, uma perspectiva de construção. Por que tem que ser uma sociedade onde as famílias estão separadas? Pai, mãe e filhos em casas ou apartamentos separados, excluindo pessoas em situação de rua. São estruturas de casas, apartamentos e condomínios que constituem os bairros, que constituem as cidades, os estados e os países. Por que dessa forma? É a forma pela qual a sociedade foi se constituindo para sobrevivência: a farmácia é próxima, a padaria é próxima, o hospital é próximo e o trabalho também.

88. Então cada vez mais nós vemos que esse é o contexto da sociedade: há aqueles que ganham mais, e os pobres estão cada vez mais longe da farmácia, longe do trabalho, longe das coisas, longe, inclusive, dos ricos, que criam suas próprias castas de sobrevivência. Para que as ideias discutidas fiquem apenas no domo, ao redor daqueles próprios participantes.

89. Desses poucos exemplos que dei, cabe aqui entender que essa vida em sociedade não é um desejo do Deus criado ou da Força Criadora, mas uma construção que foi realizada para que houvesse uma melhor forma de controle e de poder. Sendo assim, cabe colocar o seguinte pensamento: você é o que você vive em sociedade? Você é a mesma pessoa que está no trabalho? Você é a mesma pessoa que está dentro da sua casa? Você é a construção de como a sociedade lhe vê ou você tem uma realidade diferente? Você dança na chuva, se alegra ao ver uma flor, se alegra ao ver um pôr do sol, você fica feliz em ver crianças se divertindo à margem das preocupações reais que possam estar no ambiente? Então que tipo de ser é você dentro da vida em sociedade? É o personagem criado pela vida da sociedade ou você vive um personagem para sobreviver e sabe que, dentro de você, há um ser que não cabe na caixa do que foi criado para essa sociedade, para essa vida em sociedade?

90. Não estou dizendo que nós devemos viver do jeito que der na nossa cabeça, seguindo qualquer desejo, mas que saibamos quem somos dentro daquilo que estamos vivendo em sociedade. Senão, você vai sofrer, porque jamais vai conseguir atingir a meta de “ser esse alguém” que as pessoas criaram a seu respeito, e muito mais por criar algo sobre você para ser melhor na sociedade e não poder

suportar emocionalmente, internamente, as pressões daquilo que você não é.

91. A vida em sociedade é uma experiência de sobrevivência do corpo, de relação, de comunicação e de continuidade, nada mais do que isso.

Fátima fala sobre como a vida em sociedade é influenciada pelos instintos humanos primitivos e como esses instintos afetam nossa forma de viver, nossas escolhas e nossas interações.

A natureza humana e a vida em sociedade

Fátima começa destacando que, apesar de vivermos em sociedade, ainda somos governados por instintos primitivos de sobrevivência. Esses instintos fazem parte do nosso corpo e nos lembram que temos um tempo limitado de vida. Por isso, a sociedade tem o papel de nos ajudar a sobreviver melhor, criando formas de convivência e de aprender valores que melhoram nossa qualidade de vida.

Acúmulo ou compartilhamento de riquezas

Fátima comenta que existem diferentes ideias sobre o que fazer com as riquezas. Alguns acreditam que devemos acumular riquezas, outros acham que devemos compartilhar, e há quem fique entre essas duas opções. De qualquer forma, viver em sociedade envolve escolhas e maneiras de organizar a vida, como a divisão de bens e recursos.

A estrutura da sociedade e a divisão das classes

Fátima fala também sobre como a sociedade se organiza em termos de moradia e serviços. As famílias, por exemplo, muitas vezes moram em casas ou apartamentos separados, e a sociedade vai se organizando em bairros, cidades e países. Isso acontece porque, historicamente, foi uma maneira de organizar a vida para facilitar a sobrevivência, como ter a farmácia, a padaria e o hospital próximos de casa. Mas, ao mesmo tempo, isso cria desigualdades. Hoje em dia, os ricos têm acesso fácil a tudo isso, enquanto os mais pobres acabam ficando cada vez mais afastados de tudo, até fisicamente.

A vida em sociedade não é uma vontade divina

Fátima questiona se a vida em sociedade foi algo planejado por uma força maior, como Deus ou uma força criadora. Na visão de Fátima, a sociedade foi criada como uma forma de controle e poder, não como algo que necessariamente reflete a vontade de uma divindade.

Quem somos na sociedade?

Uma das perguntas centrais do texto é sobre a identidade dentro da sociedade. Fátima nos convida a refletir: você é a mesma pessoa no trabalho, em casa, e na sociedade em geral? Ou você vive diferentes “personagens” conforme a situação e o ambiente? Muitas vezes, a sociedade nos pressiona a ser algo que não somos de verdade, e isso pode causar sofrimento. Fátima sugere que é importante saber

quem somos de verdade, por trás das máscaras que usamos para sobreviver.

Sobreviver e ser autêntico

Fátima termina com uma reflexão sobre como a vida em sociedade é, em muitos aspectos, uma luta pela sobrevivência. Mas também é uma chance de aprender a viver de maneira mais verdadeira, sem se perder nos papéis que a sociedade nos impõe. Se não soubermos quem realmente somos, podemos nos perder nas expectativas dos outros e sofrer emocionalmente, tentando ser algo que não somos.

Desta forma, Fátima propõe que a vida em sociedade não deve ser apenas uma luta para se encaixar nos padrões e expectativas dos outros. Ela é, sim, um espaço de sobrevivência e adaptação, mas também é um lugar onde devemos aprender a ser mais autênticos, sem perder a nossa essência no meio das pressões externas.

Encarnações coletivas

92. Quando pensamos nas reencarnações coletivas, eu ainda vou me referir ao que falei na vida em sociedade, porque a construção social no outro é válida. Alguns podem pensar: mas e se nós mudarmos a sociedade para algo melhor, é válido? Mesmo assim, será uma nova construção na tentativa ou de coibir e de limitar as leis, ou de criar uma etiqueta social capaz de moldar o comportamento humano. De qualquer forma, é passageiro.

93. A perspectiva das encarnações coletivas é completamente contrária a essa vida em sociedade, porque alguns seres, como eu já exemplifiquei anteriormente, ao invés de reencarnar, dependendo da sua frequência vibratória, como um gato, um cachorro, como um ser humano ou uma planta, eles preferem reencarnar como algo que seja útil, como em um planeta onde tem seres que dependem da água, e reencarnar de forma coletiva como aquele elemento, que parece ser apenas um elemento sem aparente status para a vida humana, que é importante, mas não é considerado como ser vivo. Ali existem vários seres do Mundo Primeiro que preferiram confundir-se em suas boas lembranças, preferiram emaranhar-se em suas perspectivas, em um respeito jamais imaginado por vocês, de se perder, por amor, em muitos, para que pudéssemos experienciar. Ainda no mesmo exemplo, em relação às águas, se são gotas juntas no oceano, evaporam, voltam ao Mundo Primeiro, se reconstituem em ser e experienciam outras formas.

94. Isso pode parecer completamente alucinatório e delirante por parte de alguns de vocês, mas quanto mais desconstruímos todas as ideias que foram criadas ao longo das reencarnações sucessivas, quando estamos no Mundo Primeiro não queremos mais apenas as experiências individuais, porque sabemos que somos muitos e nos colocamos à disposição para uma experiência coletiva. Não em corpos de homens, mulheres, animais, plantas, mas, como é dito no Candomblé, como forças da natureza ou outros elementos, seja na Terra ou em qualquer parte do universo e em qualquer dimensão percebida também.

Fátima trata da ideia de “reencarnações coletivas” e reflete sobre o que isso significa em comparação com a vida em sociedade, além de questionar a natureza da existência e da experiência espiritual.

Reencarnação e a vida em sociedade

Fátima começa dizendo que, mesmo que possamos tentar mudar a sociedade para algo melhor, essa mudança ainda será uma construção que tem limites. Isso significa que, por mais que tentemos criar regras e formas de melhorar o comportamento das pessoas, essas mudanças são temporárias e passageiras. Em outras palavras, qualquer forma de sociedade que criamos será algo que pode ser alterado com o tempo, mas sempre estará sujeito às limitações da própria estrutura social.

Reencarnação coletiva – uma ideia diferente

Fátima então introduz a ideia de reencarnações coletivas, que é bem diferente da vida em sociedade. Quando se fala em reencarnação, muitas pessoas pensam em seres humanos que voltam à vida em novos corpos, mas Fátima propõe algo mais amplo: em vez de reencarnar como um ser humano ou um animal, alguns seres podem reencarnar coletivamente em formas que não são vistas da mesma forma na sociedade. Por exemplo, ao invés de reencarnar como uma pessoa, um ser poderia voltar como um elemento natural, como a água ou o vento, que são fundamentais para a vida, mas não têm status de “seres vivos” como os animais ou as plantas.

Exemplo das águas e do Mundo Primeiro

Fátima usa o exemplo da água para ilustrar essa ideia. Ela diz que, ao reencarnar coletivamente, os seres podem se “perder” nas formas da natureza. Quando a água é coletada em gotas, ela forma o oceano, mas depois pode evaporar, voltar ao “Mundo Primeiro” (um lugar de origem ou de unidade), e se reconstituir para viver novas experiências. A ideia aqui é que, ao invés de viver como indivíduos separados, esses seres se unem e experienciam a vida de uma maneira mais coletiva, como parte de algo maior do que suas existências individuais.

Desconstruindo ideias e buscando experiências coletivas

Fátima reconhece que isso pode parecer estranho ou até delirante para algumas pessoas, mas ela defende que, à medida que passamos por várias reencarnações, podemos chegar a um ponto onde não queremos mais viver apenas para experiências individuais. No “Mundo Primeiro”, os seres se reconhecem como partes de um todo maior e escolhem vivenciar a vida de maneira coletiva, não em corpos separados, mas como forças da natureza ou elementos. Isso poderia incluir a água, o fogo, o vento, ou qualquer outra energia que existe no universo.

A experiência coletiva além do humano

Por fim, Fátima menciona o Candomblé e outras tradições espirituais para mostrar como diferentes culturas já têm essa ideia de que seres espirituais podem se manifestar como forças da natureza. Em vez de buscar experiências individuais e separadas, esses seres

podem escolher se fundir com a natureza e com o universo, participando de algo maior que transcende a experiência humana e material.

Sendo assim, Fátima nos convida a refletir sobre uma visão diferente da reencarnação. Em vez de ver a vida como uma série de retornos individuais em corpos humanos ou animais, ele propõe que é possível viver experiências coletivas como parte da natureza ou de forças universais. Ao invés de focar apenas nas experiências individuais, o objetivo seria a vivência de uma experiência compartilhada e integrada, como as águas no oceano, que são partes de algo maior e se reconstituem ao longo do tempo.

E ainda diz que, ao contrário da vida em sociedade, onde as pessoas são individualizadas e separadas, as reencarnações coletivas são uma forma de existir como parte de um todo, transcendendo a separação e buscando uma experiência mais unificada e profunda.

Ideias coletivas

95. Ao iniciar esse assunto a respeito das ideias coletivas, muitos poderão fazer associação à perspectiva do inconsciente coletivo, mas ela está ligada aos emaranhados das concepções da ancestralidade e à cultura, enquanto as ideias coletivas partem de outro princípio.

96. Na vida humana na Terra, a memória é guardada de forma individual, seja nas pessoas, nos componentes físicos ou nos componentes tecnológicos para armazenamento de informações. No Mundo Primeiro, as informações são compartilhadas, a individualidade se perde, a telepatia é comum e a troca das informações, sem nenhum constrangimento, é realizada.

97. Existe uma identidade, que é a nossa interpretação dos fatos, e ela é respeitada, mas aquilo que vimos, que ouvimos e que experienciamos é compartilhado - a princípio, compartilhado no toque uns com os outros no Mundo Primeiro. Vou dar um exemplo e espero que não confunda mais do que ajude: quando pensamos no homem na Terra e não vemos o ar, achamos que o ar é algo vazio, mas na verdade são moléculas se interconectando o tempo inteiro. Há traços moleculares se comunicando o tempo inteiro. No Mundo Primeiro, é como se estivéssemos no mar, digamos assim, e essa comunicação é feita pelo pensamento. Então, em todas as coisas da Força Criadora, em todas as situações de criação estarão elementos de experiências individuais.

98. “Mas Fátima, sendo assim, um ser do Mundo Primeiro poderia apenas capturar as emoções e experiências vividas como meio de conhecimento e aí não precisaria reencarnar?” Na reencarnação é diferente. Uma coisa é você estar com óculos de três dimensões, outra coisa é você viver e amar na vida real.

99. Sendo assim, existe uma memória coletiva e essa memória coletiva pode ser acessada. Uma outra informação, que talvez no futuro fique mais clara, é que a memória pode ser compreendida

como uma só - seja a memória da época de Jesus, seja a memória de daqui a cinco mil anos.

100. Eu vou trazer uma imagem, porque ela é simples para o entendimento da mente humana, que ainda não consegue compreender que o conceito de espaço é uma ilusão. Há uma sala, por assim dizer, onde todos os registros da memória, que é coletiva e não linear, são guardados. Uma vez, uma menina me pediu para acessar uma memória específica, como se pedisse para buscar uma faísca de que ela precisava para continuar se fortalecendo em sua busca de paz pessoal. Uma memória, por assim dizer, mas não de algo que aconteceu e sim de algo que, de onde ela fala, ainda está por vir. No tempo da Terra, essa memória não existe, pois esse tempo não ocorreu. Porém, de onde eu estou, tudo é.

101. Um dia, com a devida preparação, a humanidade entenderá que os conceitos antes apresentados por diversos pensadores nada mais são do que as memórias arquivadas de toda a humanidade que já existiu e que ainda irá existir, de sua perspectiva ilusória de passado, presente e futuro.

102. Fomos muito, sabemos tanto... E do devido lugar vibracional (pois vocês entendem ainda a vibração como um degrau no qual vocês estacionam, mas ela mais se assemelha a uma bolha que flutua e nunca está parada) é possível visitar essa sala. A mim, que já ultrapassei a barreira de linguagem, pouco importa como vocês escolhem chamar.

103. A vocês, importa saber que lá estão guardadas todas as vivências desse sopro que é a vida humana na Terra. Todos os seus amores, todas as suas dores, todas as suas alegrias individuais e coletivas - porque vocês ainda se sentem indivíduos. No entanto, no átomo primordial que compõe o que vocês entendem por consciência ou espírito ou alma como algo eterno - que é um conceito muito além do que ainda podemos trazer - fica registrado apenas o fulcro de todo aprendizado, a essência, como uma boa fruta que, ao ser espremida, oferece apenas seu sumo mais doce e o que resta é descartado, pois já não mais serve. Assim, o fulcro do aprendizado ainda é levado para as demais existências até onde sirva ao entendimento atual de cada consciência. Alguns mais, outros menos.

104. Os corpos, as sensações, as paixões, as tristezas que parecem intermináveis, tudo isso passará. Passaremos.

105. A mim, que visto ainda essa ilusória identidade para servir dentro de minhas limitações, se preciso, ainda consigo resgatar o registro da poeira que se atinha aos meus pés enquanto andava ao lado do Raboni, mas o que de fato guardo preciosamente é a luz de seus ensinamentos, é o amor que tivemos um pelo outro e por aqueles com quem caminhamos até hoje.

106. Não falo de um lugar de julgamento por vocês que ainda guardam suas mágoas, mas desejo que minhas palavras possam transmitir a paz de saber que tudo que hoje lhes aflige passará e não restará nada, exceto um longínquo registro que muitos de vocês jamais visitarão.

Fátima explora conceitos profundos sobre memória, reencarnação, e a natureza da realidade, muitas vezes usando uma linguagem metafórica.

Ideias Coletivas e o Inconsciente Coletivo

Fátima começa falando sobre as ideias coletivas, que são diferentes do que muitos poderiam pensar, associando ao conceito de “inconsciente coletivo”, como proposto por Carl Jung²⁰. O inconsciente coletivo está relacionado às ideias, crenças e símbolos compartilhados pela humanidade, vindos de nossa ancestralidade e cultura. Já as ideias coletivas de que o texto fala são mais amplas e não estão apenas ligadas à cultura ou à memória ancestral, mas a algo mais profundo e universal, relacionado à experiência coletiva da vida.

Memória Individual versus Memória Coletiva

Na Terra, a memória é individual. Ou seja, cada pessoa guarda suas próprias lembranças, seja em sua mente, no corpo ou até em dispositivos tecnológicos. Porém, no chamado “Mundo Primeiro”, a memória não é guardada de forma individual, mas compartilhada. A individualidade se perde e as informações são trocadas de forma direta, quase como se as pessoas se comunicassem por telepatia, sem barreiras ou constrangimentos.

²⁰ foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica. Com um legado influente nos campos da psiquiatria, psicologia, ciência da religião, literatura, criou alguns dos mais conhecidos conceitos psicológicos, incluindo a distinção entre personalidade extrovertida e introvertida, as ideias de arquétipo e de inconsciente coletivo, bem como a noção de sincronicidade.

Isso significa que, no Mundo Primeiro, tudo é mais interconectado, e as experiências não são mais de um único ser, mas de muitos, compartilhando tudo que vivenciam. Como um exemplo, Fátima fala sobre o ar: na Terra, não vemos o ar, mas ele está cheio de moléculas em movimento constante. Da mesma forma, no Mundo Primeiro, as pessoas “sentem” e compartilham pensamentos, experiências e sentimentos como se estivessem em um mar, onde tudo está interligado.

Memória Coletiva e a Experiência de Vida

Fátima também fala sobre como a memória coletiva pode ser acessada. A memória não é linear (ou seja, não segue uma linha de tempo como entendemos na Terra), mas sim uma única memória que abrange tanto o passado, o presente e até o futuro, de uma forma que ainda não conseguimos entender plenamente. A comparação com o “tempo da Terra” é usada para mostrar como, no Mundo Primeiro, o tempo é algo que não existe da mesma forma que conhecemos.

Fátima usa a metáfora de uma “sala” onde todas as memórias estão guardadas. Esta sala não contém apenas o que aconteceu no passado, mas também o que está por vir, de forma que quem está no Mundo Primeiro pode acessar essas memórias e experiências, como se o tempo e o espaço fossem ilusões.

A Essência da Vida e a Experiência Humana

A ideia central de Fátima é que todas as experiências que vivemos na Terra – nossos amores, tristezas, alegrias e dores – são, em última análise, passageiras. O que realmente importa, e o que permanece, é a essência do aprendizado que adquirimos com essas experiências. Isso é comparado à fruta, cujo sumo (ou essência) é o que importa, e o que sobra é descartado porque já não serve mais.

Isso significa que o aprendizado profundo da vida, a sabedoria adquirida, permanece com a gente, enquanto as emoções e experiências passageiras (como a raiva ou a dor) eventualmente se dissipam. Quando estamos em uma dimensão mais elevada, como o Mundo Primeiro, já não nos preocupamos com essas emoções e podemos acessar a essência de tudo o que aprendemos ao longo de nossas várias vidas.

O Sentimento de Paz e a Transcendência

Fátima, falando de uma perspectiva espiritual mais avançada, expressa que, com o tempo, as dificuldades e os sofrimentos da vida humana passarão. Ela compartilha a ideia de que, quando olhamos para as nossas vidas de uma perspectiva mais profunda, tudo o que nos aflige na Terra desaparece, e só o que permanece é o amor e os ensinamentos que recebemos ao longo das nossas existências.

Fátima também menciona uma experiência pessoal com um ser querido (o “Raboni”²¹), afirmando que o que ela guarda com carinho não são apenas as lembranças físicas ou as dores do passado, mas o amor e os ensinamentos que compartilhavam. Para ela, esses são os registros preciosos que realmente importam.

A Ilusão do Tempo e da Memória

Finalmente, Fátima destaca que, embora ainda vivamos imersos na ilusão de um tempo linear (passado, presente, futuro), existe uma realidade maior onde tudo está conectado. Lá, a memória de todas as existências humanas – passadas e futuras – está guardada como uma única memória coletiva.

Desta forma, Fátima nos leva a refletir sobre como nossas experiências de vida são mais do que apenas momentos passageiros ou acontecimentos isolados. Elas fazem parte de um grande fluxo de aprendizado e evolução que transcende a individualidade. O que realmente importa, de acordo com Fátima, é a essência de tudo o que vivemos, e essa essência será levada para as próximas existências. As dores e alegrias que sentimos aqui, no plano material, são temporárias, e o que restará ao final é o aprendizado e o amor que compartilhamos com os outros.

Talvez, a principal mensagem é que, embora vivamos imersos nas dificuldades do dia a dia, no final, tudo passa. O que fica é a

²¹ Rabôni significa Mestre. Rabôni tem o mesmo significado que Rabi e era um título dado a professores da lei judaica. Jesus foi chamado Rabôni (João 20:16).

essência da nossa jornada, o que aprendemos e, principalmente, o amor que damos e recebemos.

Guerras e o instinto de sobrevivência

107. Quando pensamos nas guerras, automaticamente me vem a perspectiva do instinto de sobrevivência daqueles que estão na Terra. Se a perspectiva do ser na Terra é o seu corpo, ele precisa de território e na medida que precisa de território para sobreviver, se alimentar, construir a sua sociedade particular, invariavelmente, nessa perspectiva, sem o armazenamento e interpretação do conhecimento da educação, que é muito importante, ele terá necessidade de ocupar novos territórios pelo instinto de sobrevivência.

108. As ideias locais de cada território darão vazão de que é certa a apropriação do território alheio, porque há algum tipo de superioridade, poder e legitimidade em realizar aquilo, seja por força ou necessidade. As guerras, em uma perspectiva muito simplista, têm um vínculo com o instinto de sobrevivência: para sobreviver, eu destruo. Como eu falei, essa é uma perspectiva primitiva, é uma perspectiva de sobrevivência dessa máquina, desse robô biológico que você veste agora e que é o corpo físico, não você.

109. O que quero trazer com essas informações é que você como ser não é o corpo que você veste, logo, as ideias que vêm desse corpo e que muitas vezes podem ser atribuídas a doenças mentais ou inspiração de espíritos, são apenas reflexos de um instinto de

sobrevivência, como os que aparecem na ansiedade. É algo biológico, que pode trazer ideias, inclusive, de agressão.

110. Você é o ser, não é o corpo. O corpo é apenas um avatar. Sendo assim, cabe distinguir e analisar que o corpo, em suas lembranças genéticas, te propõe uma resposta que não convém a seres que já têm o mínimo nível de aquisição de conhecimento sobre a paz e os benefícios de uma boa convivência.

Fátima fala sobre a relação entre o instinto de sobrevivência e as guerras, além de refletir sobre o papel do corpo humano e a mente nas nossas ações, incluindo a violência.

O Instinto de Sobrevivência e as Guerras

Fátima começa falando sobre guerras, e a primeira ideia que vem à mente é o instinto de sobrevivência. Isso significa que, quando as pessoas vivem em um território, elas naturalmente precisam desse espaço para se alimentar, viver e se desenvolver. Porém, se as pessoas não têm educação, que é importante para melhorar a convivência e o entendimento, elas podem ser levadas a tomar o território de outras pessoas para garantir sua própria sobrevivência. Isso pode acontecer através da violência e das guerras.

Fátima também aponta que, se uma pessoa não tem o conhecimento necessário para resolver os conflitos de forma pacífica, o instinto primal de sobrevivência pode levá-la a agir de maneira agressiva. Em outras palavras, a necessidade de garantir um território

para viver pode fazer com que as pessoas invadam ou destruam os outros, seguindo um impulso primitivo.

A Guerra como Reflexo de um Instinto Primário

Fátima explica que, de maneira simples, as guerras acontecem porque, no fundo, as pessoas que estão em guerra estão apenas tentando sobreviver. Fátima se refere a isso como uma perspectiva primitiva, porque esse instinto de querer destruir para sobreviver é algo que está relacionado ao corpo físico, o que ela chama de um “robôzinho biológico” que as pessoas vestem quando nascem. Ou seja, o corpo humano é como uma máquina biológica que age com base na necessidade de sobreviver, mas isso não define quem somos de verdade.

Você não é o corpo

Um ponto central é a ideia de que você não é o seu corpo. O corpo é apenas um “avatar”, uma espécie de “fantoche” que você usa para viver nesta realidade material. Fátima nos lembra que o corpo é limitado e que não somos apenas as reações físicas que ele tem, como o medo ou a agressividade, que muitas vezes vêm de instintos biológicos.

Por exemplo, ela menciona que o corpo pode gerar sensações de ansiedade ou até mesmo pensamentos agressivos como forma de defesa. Isso ocorre por um instinto biológico de sobrevivência. Mas esses sentimentos não são a verdadeira essência de quem somos,

pois, como seres humanos conscientes, podemos superar esses impulsos com conhecimento e compreensão.

A Importância da Educação e da Paz

Fátima sugere que, à medida que adquirimos mais educação e compreensão sobre o mundo e sobre os outros, conseguimos superar esses instintos primitivos. A educação nos ensina a conviver pacificamente, a respeitar os outros e a resolver os conflitos de maneira mais racional e menos agressiva. Isso nos ajuda a perceber que, embora o corpo humano ainda possa ter impulsos de violência e destruição, não precisamos agir conforme esses instintos.

Distinção entre Corpo e Ser

Desta forma, Fátima quer que entendamos que somos mais do que o corpo físico. Ela nos convida a refletir sobre a distinção entre corpo e ser, lembrando que, embora o corpo tenha instintos de sobrevivência, nós, como seres conscientes, podemos escolher agir de maneira pacífica. Fátima também reforça que, se soubermos usar o conhecimento que adquirimos ao longo da vida, podemos superar as reações impulsivas do corpo e agir de forma mais sábia e compassiva.

Sendo assim, Fátima nos leva a refletir sobre como o instinto de sobrevivência pode influenciar comportamentos agressivos e até mesmo guerras, mas nos lembra que, como seres humanos conscientes, não somos nossos corpos. Podemos, com educação e conhe-

cimento, transcender os impulsos primitivos e buscar a paz e o entendimento mútuo. O corpo pode ter instintos, mas a verdadeira essência de quem somos é mais profunda e está além das reações biológicas.

A paz na Terra

111. Por isso mesmo a paz na Terra não é uma utopia. A paz na Terra se dará pela desconstrução das ideias. Enquanto um país tiver a ideia de forma individual e coletiva de que é melhor que outros países e de que tem direito ao território que já é do outro, enquanto outro determinado país achar que, mediante suas ideias, as perspectivas políticas ou de vida do outro são uma grande cilada, um mal que deve ser destruído, a paz será perdida a todo instante.

112. Na minha perspectiva, a única forma de encontrar a paz não é criar uma etiqueta social, como as religiões criam: uma forma de comportamento que vai conduzir a uma maneira de pensar diferente. É a nossa maneira de pensar que leva à forma como nos comportamos. Então quando desconstruirmos as ideias que nos colocam em um patamar de falsa superioridade ou inferioridade, de diferença dentro da pluralidade, enquanto essas ideias ainda forem vivas, as pessoas morrerão. É necessário que morram as ideias que destroem os outros para que vivam as pessoas e a sua diversidade na Terra.

113. A paz só será possível quando as ideias que dividem, que marginalizam e apartam a singularidade que existe na pluralidade e na diversidade forem desconstruídas.

Fátima fala sobre a paz e como ela pode ser alcançada na Terra.

Paz na Terra e as Ideias Divisoras

Fátima começa explicando que a paz não é uma utopia, ou seja, ela não é um sonho impossível de ser alcançado. A paz pode, sim, existir na Terra, mas para isso, é necessário mudar muitas das ideias que as pessoas têm. Ela aponta que enquanto os países e as pessoas acreditarem que são melhores do que os outros, ou que têm o direito de dominar o território dos outros, a paz será impossível.

Por exemplo, quando um país acha que é superior aos outros ou quer controlar o território de outro país, isso gera conflitos. E esses conflitos, por sua vez, impedem a paz. Ou seja, a paz só pode existir quando as pessoas e os países superarem essas ideias de superioridade e de querer dominar os outros.

A Paz e a Forma de pensar

Fátima diz que a paz não será alcançada se tentarmos impor rótulos ou formas rígidas de comportamento, como fazem algumas religiões, por exemplo. Ela explica que não adianta criar regras de como as pessoas devem pensar ou agir; o que realmente importa é a forma como pensamos. Nossa maneira de pensar influencia diretamente como nos comportamos.

Portanto, para alcançar a paz, não basta apenas dizer às pessoas como se comportar. O que precisa ser mudado são as ideias. Quando conseguimos mudar as ideias de superioridade ou inferioridade, conseguimos também mudar a forma como as pessoas se relacionam entre si.

Desconstruir Ideias que dividem

Fátima também fala sobre a necessidade de desconstruir as ideias que fazem as pessoas se verem como diferentes ou superiores umas às outras. Enquanto essas ideias continuarem a existir, as pessoas vão continuar se matando por causa de diferenças, seja por religião, raça, ou outras crenças. Ela usa a palavra “morrer” aqui para mostrar que, enquanto essas ideias forem fortes, a convivência pacífica será impossível.

Por exemplo, muitas vezes as pessoas se enfrentam porque acreditam que as suas ideias políticas, culturais ou religiosas são melhores ou mais certas do que as dos outros. Esse tipo de pensamento cria conflitos e divisões. Fátima sugere que essas ideias precisam morrer, ou seja, precisam ser abandonadas, para que as pessoas possam realmente viver em paz, respeitando as diferenças umas das outras.

A Paz Através da Diversidade

Fátima também fala sobre a pluralidade e diversidade das pessoas na Terra. Isso significa que as pessoas são diferentes em muitos aspectos, como em suas crenças, culturas, opiniões, e modos de vida. A verdadeira paz só será possível quando as ideias que dividem as pessoas e marginalizam as diferenças forem superadas.

Essas ideias que fazem as pessoas se verem como diferentes ou inferiores umas das outras são os principais obstáculos à paz. Fátima acredita que, para que a paz aconteça, precisamos destruir essas ideias que nos separaram e nos fizeram pensar que não podemos viver em harmonia com quem é diferente.

Sendo assim, Fátima fala sobre como a paz depende de mudar a forma como pensamos sobre os outros. A paz não pode ser imposta apenas com regras ou leis externas, mas deve vir de uma mudança interna, de uma transformação das ideias que dividem as pessoas. Quando as pessoas deixarem de acreditar que são melhores ou piores que as outras, e aceitarem as diferenças de forma respeitosa, a paz será possível.

Ou seja, a paz na Terra só será alcançada quando as ideias de superioridade, separação e discriminação forem superadas, e as pessoas puderem viver e conviver em harmonia na sua diversidade.

A tecnologia e despersonalização do humano

114. Quando penso sobre a relação entre a tecnologia e a despersonalização do humano, percebo que é uma relação como a do ser

que se encontra no Mundo Primeiro, que ocupa corpos diferentes, migra entre corpos diferentes para experimentar emoções humanas diferentes. Na medida em que o corpo se perde na interação com o social, existirá cada vez mais facilidade de despersonalizar a realidade para se viver uma realidade virtual, conduzida e personalizada por uma mente humana ou artificial, para colocar este ser em uma outra perspectiva.

115. Esse é um exemplo muito poderoso da atual realidade temporal na Terra, que mostra que a mente pode sim ocupar corpos diferentes, não no sentido exato, mas no sentido de migrar por corpos diferentes e permanecer como o mesmo ser. Contudo, eis a importância de saber diferenciar o que é sobre a sua essência de ser e sobre aquilo que se personalizou em função da ideia do corpo, da ideia da sociedade, da ideia da cultura, da ideia das opiniões alheias, da ideia de outras ideias que foram construídas para alicerçar e dar base ao que se concebe como certo ou errado, verdade ou mentira, exato ou inexato.

116. Sendo assim, a cada momento será desconstruído aquilo que nos molda como indivíduo e que nos personaliza como humanos, o que nos forjará em uma realidade muito mais de essência, onde o tamanho da casa não vai mais ser tão importante, onde o valor da roupa não será mais tão importante, ou a marca, onde o melhor carro, o mais caro, mais novo, não será importante.

117. As pessoas respeitarão as migrações, tanto as corporais como as culturais, na Terra. Logo, lugares simples, minimalistas, re-

lações mais verdadeiras, a desvinculação com esse imediatismo midiático de se tornar conhecido ou visto e percebido. As relações vão se pautar muito mais uma necessidade de conhecer o novo, se aventurar em novas culturas, se permitindo viver coisas novas e não criando raízes poderosas em territórios que, para mim, são imaginários.

Fátima trata da relação entre a tecnologia e a despersonalização do ser humano, e como isso pode transformar a nossa forma de viver e de nos relacionarmos com o mundo e com as outras pessoas.

Tecnologia e Despersonalização

Fátima começa falando sobre a tecnologia e como ela está mudando a forma como vemos a nós mesmos. Ela compara essa mudança à ideia de migração de corpos, algo que ela chama de “Mundo Primeiro”. No Mundo Primeiro, o ser humano pode, simbolicamente, “mudar de corpo” para viver diferentes experiências e emoções. Isso significa que, na tecnologia atual, especialmente com as redes sociais e a realidade virtual, as pessoas podem se transformar em algo diferente, criar novas versões de si mesmas, ou viver como se estivessem em outro lugar, sem realmente mudar quem são de verdade.

Na tecnologia, isso acontece porque a realidade virtual e as redes sociais permitem que as pessoas “criem uma nova identidade”, muitas vezes afastada da sua realidade física. Ou seja, a tecnologia ajuda a “despersonalizar” a vida real, criando uma versão do ser humano que pode ser completamente diferente da pessoa que ele é na vida real.

Corpos Diferentes, mas o Mesmo Ser

Fátima explica que, assim como o ser humano pode experimentar emoções diferentes ao mudar de corpo no Mundo Primeiro, a mente humana também pode, de certa forma, migrar entre diferentes “corpos” ou identidades. Isso quer dizer que, com a tecnologia, podemos “viver” de várias formas diferentes, mas ainda assim, ser a mesma pessoa por dentro. Porém, Fátima faz um alerta importante: devemos diferenciar quem somos de verdade, a nossa essência, das identidades que criamos para nos encaixar na sociedade, ou para atender às expectativas dos outros.

Por exemplo, muitas vezes, a sociedade nos ensina a pensar e agir de um jeito específico. Nós vestimos rótulos e identidades sociais (como “ser bem-sucedido”, “ter status”, ou “fazer parte de um grupo”) porque acreditamos que isso é o certo ou o esperado. Porém, essas são ideias externas que moldam quem somos, mas não necessariamente representam nossa essência.

Mudança no Conceito de Sucesso e Identidade

Fátima então fala sobre um futuro onde as coisas materiais e externas não serão mais tão importantes. Isso significa que, em um futuro mais “essencial”, as pessoas não se preocuparão tanto com o tamanho da casa, com a marca da roupa, ou com o status social. O que realmente importará será quem somos de verdade e as experiências que vivemos.

A busca por coisas materiais, como carros caros, roupas de marca ou grandes casas, será vista como algo menos importante. O que vai importar é a experiência de vida, a essência do ser humano. Isso vai fazer com que as pessoas comecem a valorizar mais as experiências reais e as relações verdadeiras, em vez de viverem apenas para impressionar os outros com coisas materiais.

Relações Mais Verdadeiras e Simples

Fátima também fala que, nesse novo jeito de viver, as pessoas vão começar a respeitar as migrações, ou seja, as mudanças de lugar e de cultura. Isso inclui, por exemplo, mudar para um lugar simples, ou se envolver com culturas diferentes de forma mais verdadeira, sem querer sempre mostrar para os outros uma versão “perfeita” ou “ideal” da vida.

Ela imagina um futuro em que as relações humanas serão mais autênticas, e as pessoas vão buscar mais o conhecimento, a aventura, e as experiências novas, em vez de se fixarem em títulos ou status sociais que, na verdade, não fazem parte da essência do ser humano.

Desvinculação do Imediatismo e das Expectativas Sociais

Por fim, Fátima sugere que, no futuro, as pessoas desvincularão essa pressão para ser conhecido, famoso ou visto pelas mídias. Hoje, muitas pessoas buscam essas coisas de maneira muito imediata, querendo mostrar uma versão idealizada de suas vidas. Mas, no futuro, a necessidade de mostrar algo para os outros vai diminuir, e as pes-

soas vão buscar mais uma vivência verdadeira, simples e sem a pressão de seguir as regras de um mundo que, muitas vezes, é imaginário.

Sendo assim, Fátima fala sobre como a tecnologia está mudando a nossa identidade, e como, em um futuro mais equilibrado e consciente, as pessoas vão superar a pressão social e os valores materiais. Nesse futuro, a verdadeira paz será alcançada quando as pessoas se conhecerem por dentro, e se relacionarem com os outros de forma mais genuína, sem se preocuparem tanto com as expectativas externas ou com as coisas materiais. A tecnologia vai nos permitir novas formas de viver, mas precisamos cuidar para não perder nossa essência no processo.

O amor como ação restaurativa

118. O amor, muitas vezes, é percebido como a entrega total de si para o outro, para um filho, para um familiar, para uma causa. Mas o amor, acima de tudo, parte do crivo do bom senso em se amar primeiro. Na Casa de Fátima, propus no Estatuto a seguinte ideia: primeiro, cada voluntário, trabalhador, deve se cuidar, se amar. Depois, cuidar dos seus familiares, seu círculo um pouco maior, e amá-los. Depois, poder cuidar da Casa que é seu círculo um pouco maior, depois cuidar das pessoas que chegam até a Casa, que é seu círculo ainda maior.

119. Se não temos a perspectiva de que cuidar de nós mesmos é a base para que possamos olhar o outro, não existe amor. O amor

não esquece de nada, nem de nós mesmos. O amor não esquece de nenhum ponto, porque não há espaço vazio. A Força Criadora, que é o amor em sua manifestação mais profunda, está presente em todas as coisas, inclusive nela própria. Assim, quando nós pretendemos amar alguém, amar qualquer causa que seja, primeiro precisamos nos cuidar, precisamos nos amar.

120. Então o amor é a base para toda ação restaurativa, seja nas guerras, seja nas contendas familiares das relações amorosas. Amar, acima de tudo, é não se esquecer nesse processo, porque todos nós somos gotas importantes no oceano da Força Criadora.

Fátima fala sobre o amor e a importância de cuidar de si mesmo antes de cuidar dos outros.

O Amor Não É Só Ajudar os Outros, Mas Também a Si Mesmo

Muitas vezes, pensamos que amar é doar tudo de nós para os outros. Isso significa cuidar dos filhos, dos familiares, ou até mesmo de uma causa importante. Porém, Fátima diz que o amor começa com algo muito importante: amar a si mesmo. Se não cuidarmos de nós mesmos, não teremos forças para cuidar ou amar as outras pessoas de forma verdadeira. O amor começa de dentro, em como cuidamos de nós e nos respeitamos.

A Importância de Se Amar Primeiro

Fátima dá um exemplo prático de como o amor pode ser aplicado na vida de uma pessoa. Ela explica que, na Casa de Fátima, ela

pediu que o primeiro passo de quem quer ajudar os outros é cuidar de si mesmo primeiro. Em outras palavras, antes de ajudar os familiares, amigos ou a comunidade, a pessoa deve cuidar de sua própria saúde, bem-estar e autoestima. Só assim ela terá forças para cuidar dos outros de maneira verdadeira e eficaz.

Ela coloca isso em etapas:

- 1) Primeiro, cuidar de si mesmo.
- 2) Depois, cuidar dos familiares mais próximos.
- 3) Em seguida, cuidar de um círculo maior de pessoas (amigos, colegas, etc.).
- 4) Por fim, cuidar de causas maiores, como ajudar pessoas desconhecidas ou contribuir para a comunidade.

Amar Não É Esquecer de Si Mesmo

Fátima também diz que o amor não se esquece de nada, nem de nós mesmos. Isso significa que, para amar de forma completa e verdadeira, precisamos sempre lembrar de nos cuidar. Não se trata apenas de ajudar os outros ou de dar amor sem pensar em nós, mas de reconhecer que o amor é algo que envolve todo o ser, incluindo a nossa própria saúde e bem-estar.

Ela fala também da Força Criadora, que é o amor na sua forma mais profunda e universal. Essa Força Criadora está em tudo, em todas as coisas, incluindo nós mesmos. Isso significa que, para amar os outros, precisamos lembrar que somos uma parte dessa grande força de amor que conecta tudo e todos.

Amar é a Base para Restaurar Relações

Fátima diz que o amor é essencial para resolver problemas, seja em guerras, seja em conflitos familiares ou até nas relações amorosas. Quando há amor, existe respeito e compreensão, e as dificuldades podem ser resolvidas de forma mais harmoniosa. Porém, essa capacidade de restaurar as relações e resolver os problemas vem do fato de não nos esquecermos de nós mesmos. Ou seja, quando cuidamos de nós e nos amamos, podemos agir com mais sabedoria e compaixão em nossas relações.

Somos Todos Importantes no Grande Plano

Por fim, Fátima lembra que, mesmo sendo apenas uma pequena parte do todo, cada um de nós tem um papel importante. Ela usa a imagem de gotas no oceano, dizendo que somos como gotas no oceano da Força Criadora. Cada ação de amor que fazemos, seja para nós mesmos ou para os outros, faz parte de algo maior. Portanto, não devemos nos esquecer de nosso valor e importância.

Fátima nos ensina que o amor verdadeiro começa com o cuidado de si mesmo. Para ajudar os outros, para resolver conflitos e para fazer o bem, precisamos primeiro nos cuidar e nos amar. Quando fazemos isso, nossa capacidade de amar os outros e de restaurar nossas relações se torna mais forte e mais verdadeira. O amor não é só sobre dar aos outros, mas também sobre não nos esquecermos de quem somos e de nossas próprias necessidades. Assim, todos podemos ser parte desse grande oceano de amor que conecta todos os seres.

A morte das religiões e a filosofia como diálogo universal

121. Já havia dito isso em outra comunicação minha, há muito tempo, para alguns canalizadores que interpretaram sob a influência de sua religião, mas repito: é necessário que as religiões morram para que a Filosofia inicie uma proposta de diálogo universal. Eles interpretaram isso como as mortes dos cardeais, como a morte de seus líderes religiosos, mas o que falei, o que repito aqui e repetirei quando tiver oportunidade, é que as religiões são sim importantes para a manifestação, até para a abertura a uma perspectiva mais ampla para além daquilo que é vivido em sua percepção na Terra como encarnado. Mas como elas viraram um grande palco de poder e distanciamento do outro, é necessário que, aos poucos, as religiões morram.

122. Fortaleceremos a Filosofia de Fátima, os ritos religiosos, as manifestações religiosas e a essência de amor, não o poder, não a manipulação, não a tentativa de controlar o outro. Desta forma, se faz importante que as religiões, como códigos de etiquetas sociais e de um vínculo para se religar à ideia de algo maior que elas, que represento como a Força Criadora, essas, aos poucos, vão morrer, e precisam morrer, a fim de que a própria ideia do diálogo universal, do respeito, seja mantida.

123. O que nós temos hoje, são, na realidade, boa parte das religiões mortas: preocupadas em angariar fundos financeiros e colocando Jesus como se fosse um grande idólatra do capital para que,

cultuando a Ele ou O adorando, as pessoas tenham riquezas materiais. Isso é contrário e diametralmente oposto ao que está sendo pregado. Assim, as religiões em sua essência estão morrendo para que a forma da ostentação e de uma superioridade de base material e capital seja imposta. Aos poucos, as religiões morrem, mas a essência delas deve continuar, mesmo que seja realizada de forma coletiva, aberta, plural, entre várias religiões.

124. Se faz necessário um diálogo transparente, um diálogo que permita o acesso do outro, sem julgamentos, mas que também não fira os nossos princípios. Esse diálogo de comunicação e de busca de interseção entre as culturas e as pessoas é a base desta Filosofia, na qual o outro, de qualquer parte, é a nossa religião. A nossa Filosofia é o outro, a nossa religião é o outro.

Fátima fala sobre um pensamento que propõe a morte das religiões em sua forma tradicional para que uma nova maneira de pensar e se relacionar com o mundo, chamada de Filosofia, possa surgir.

Religiões e o Poder

No começo do texto, Fátima diz que as religiões são importantes, mas com o tempo, elas se transformaram em grandes instituições de poder, que muitas vezes não cumprem o papel de unir as pessoas ou de promover o amor, mas sim de controlar. Por exemplo, muitas religiões passaram a se preocupar mais com o dinheiro e com o poder, em vez de ensinar as pessoas a se conectarem com algo maior, como a Força Criadora, que representa o amor e a harmonia universal.

Portanto, o que é proposto é que, para que as pessoas possam realmente se conectar de maneira mais profunda e verdadeira, as religiões, como elas são hoje, precisam morrer. Mas isso não significa que toda a essência religiosa desapareça, mas sim que a maneira como as religiões funcionam — com o foco no poder, no controle, e na divisão — precisa mudar.

A Filosofia de Fátima

Fátima fala da Filosofia de Fátima, que seria uma forma de pensamento mais universal e inclusiva, sem as limitações de poder ou separação que as religiões frequentemente criam. A ideia é que, ao invés de se concentrar em rituais, dogmas ou riquezas materiais, as pessoas devem focar na essência do amor e no respeito mútuo. A Filosofia de Fátima propõe um diálogo universal, ou seja, uma conversa aberta e respeitosa entre todas as pessoas, independentemente de suas crenças ou culturas.

Religiões e a Busca por Dinheiro

Fátima também aponta que muitas religiões hoje se tornaram comerciais. Elas gastam muito tempo tentando arrecadar dinheiro e associam a adoração religiosa à promessa de riquezas materiais. Isso é visto como algo oposto aos verdadeiros ensinamentos de figuras como Jesus, que pregavam o desapego e a humildade. Nesse sentido, as religiões atuais estão, de certa forma, morrendo. O que Fátima quer dizer é que, embora as formas e práticas de muitas religiões possam estar se corrompendo, a essência do amor e da conexão

com o divino deve continuar, mas de uma forma mais aberta e plural, onde as pessoas podem se conectar com a espiritualidade sem as limitações do poder material.

Diálogo e Respeito Entre as Culturas

Uma das mensagens principais do texto é que é preciso um diálogo aberto e honesto entre as pessoas e culturas. Isso significa que devemos respeitar as diferenças e ser acolhedores com aqueles que pensam de maneira diferente. A ideia é que, ao invés de tentar impor uma visão ou uma religião sobre o outro, devemos nos abrir para ouvir e aprender, sempre mantendo nossos próprios princípios e valores.

Fátima também sugere que, em vez de ter uma religião baseada em regras e dogmas rígidos, devemos enxergar a religião no outro, ou seja, o outro é nossa religião. Isso significa que devemos tratar as outras pessoas com a mesma atenção, respeito e amor com que tratamos nossa própria espiritualidade.

Desta forma, Fátima nos convida a reformular nossa maneira de entender a religião e o amor. Ela propõe que, ao invés de seguir religiões que estão presas ao poder e ao materialismo, devemos buscar uma forma mais universal e inclusiva de espiritualidade, onde o diálogo, o respeito e o amor sejam a base de tudo. Essa nova Filosofia não se baseia em dogmas ou rituais, mas em acolher o outro como parte de nossa própria experiência religiosa e espiritual.

Sendo assim, Fátima acredita que para realmente encontrar a paz e o amor verdadeiro, precisamos desapegar das instituições religiosas tradicionais e nos concentrar na essência do amor e do respeito mútuo, reconhecendo que todos somos parte de algo maior, independentemente das nossas diferenças.

A ideia do ser como centro da Terra

125. No momento em que se aglomeram tantas informações tão rapidamente e muitas delas desnecessárias, para determinado grupo de pessoas ou indivíduos, todas essas informações parece que se voltam para um único ser, nós mesmos, e que devemos utilizá-las para mudar o mundo. Esse ser tomado dessas informações e dessa perspectiva do mundo, ainda não desconstruída, tem a ideia de ser o centro da Terra, tem a ideia de que é o mais importante na Terra. Tem a ideia de que o propósito de estar vivo é fazer algo que mude a Terra. Essa ideia de que o centro das coisas esteja em um ser, em um indivíduo, é uma perspectiva infantilizada e mal elaborada das coisas. Não haverá possibilidade de concebermos a totalidade das informações em uma única experiência migratória na Terra.

126. Essa ideia de que somos importantes e que o nosso propósito é realizar algo hiperdimensionado na Terra também não é real. A nossa função é viver, construir coisas novas, preparar o mundo, sendo nós ancestrais desse mundo novo, nas pequenas coisas que pudermos realizar. Cabe, então, a esse acervo imenso, guardado tecnologicamente na Terra como um manancial de pesquisa para aqueles que desejarem conhecer, aprofundar, avaliar, saber da receita que

era realizada na Bolívia há um século atrás, saber sobre detalhes de uma construção engenhosa, com uma máquina que possa transportar pessoas nos ares, não para dar uma ideia de poder único, mas como um poder coletivo.

127. Logo, a ideia de que o ser é centro da Terra, percebida por muitas pessoas, talvez a grande maioria, é uma ideia infantilizada do que nós estamos falando e propondo aqui, em que a Terra e tantos outros planetas são, na realidade, uma experiência para uma construção coletiva, não para a perda da identidade no seu sentido enquanto encarnado, mas para uma construção que permita o melhor do mundo na Terra. Isso inclui o meio ambiente, inclui a natureza, inclui as pessoas, inclui como esse planeta se constitui no seu sistema solar, na sua Via Láctea e no universo.

128. Para mim, a Terra é um ser e, dentro dessa Terra, tem muitos seres, e esses seres acham que são o centro da Terra. É como se olhássemos para vocês e esquecêssemos que dentro de vocês existem glóbulos brancos e vermelhos na sua constituição sanguínea e que esses glóbulos brancos ou vermelhos, de alguma forma, entendessem que são o corpo ou o centro do corpo. Esse corpo é, na realidade, constituído por iniciativas autônomas de muitos outros seres; tem um ser maior que constitui esse corpo; existem muitos outros corpos; tem um ser que constitui esse planeta, que constitui esse corpo e assim, sucessivamente.

129. Ouvi isso de um pensador que admiro na Terra e repito: seres são ácaros, como se fossem ácaros na Terra, ácaros comparados ao universo e contribuo com a minha perspectiva de que esses

ácaros acreditam que são o centro, que são a base daquilo que constitui o seu planeta. Cabe a desconstrução e a reconstrução como possibilidade de entender que a Terra é um ser individual, mas estamos nele para trabalharmos de forma coletiva.

Fátima trata da maneira como as pessoas se veem e se relacionam com o mundo ao seu redor, com as informações que recebem e o impacto dessas ideias em nossa forma de viver.

A ideia de ser o centro do mundo

Quando estamos rodeados de muitas informações, muitas vezes acabamos acreditando que essas informações todas são para nós e que somos o centro de tudo. Muitas pessoas, ao viverem em um mundo cheio de informações e estímulos, têm a ideia de que sua vida tem que mudar o mundo de alguma forma muito grande, de que são as mais importantes e que o propósito da vida é fazer algo extraordinário.

Essa ideia de ser o centro de tudo e de ter um propósito grandioso para mudar o mundo é chamada de perspectiva infantilizada. Isso significa que é uma visão imatura, como a de uma criança que acha que o mundo gira ao seu redor. O texto nos lembra que não é possível compreender toda a complexidade da vida em uma só existência ou experiência na Terra. Ou seja, temos que entender que não somos o centro do universo.

A nossa função no mundo

Fátima propõe que nossa verdadeira função na Terra não é fazer algo grandioso ou mudar o mundo por completo. Ao contrário, o propósito da vida é viver bem, aprender, e contribuir com pequenas ações, como fazer o melhor em nossa vida diária. Nós somos como os ancestrais de um mundo novo, ou seja, nossa principal tarefa é deixar um legado de aprendizado, compreensão e harmonia para as futuras gerações.

Em vez de focar em poder individual, o que realmente importa é entender que o poder está no coletivo, no trabalho conjunto de todos. Não estamos aqui para sermos donos do mundo, mas para construir algo coletivo, algo que beneficie a todos.

A Terra como um ser coletivo

Fátima também faz uma comparação para nos ajudar a entender melhor essa ideia. Ela diz que a Terra é como um corpo. Dentro de nosso corpo, há muitas células (como os glóbulos brancos e vermelhos) que, se pudessem pensar, poderiam achar que são o centro do corpo, mas, na verdade, elas fazem parte de algo muito maior, o corpo todo. Assim como cada célula tem seu papel dentro de um organismo maior, os seres humanos fazem parte de um ser maior, que é a Terra. Nós não somos o centro; somos partes de algo muito maior.

Somos pequenos no contexto do universo

Fátima também faz uma comparação interessante, dizendo que nós, seres humanos, somos como ácaros na Terra. Ácaros são pe-

quenos insetos que vivem em nossos corpos e, se tivessem consciência, poderiam achar que são o centro do mundo. Mas sabemos que eles são apenas uma parte do todo. Da mesma forma, nós somos uma parte muito pequena do universo, e a Terra é um ser muito maior. É importante entender que a Terra é um ser individual, mas nós estamos aqui para trabalhar de forma coletiva, contribuindo para o bem de todos.

O que Fátima quer nos ensinar é que não somos o centro do mundo. Cada um de nós tem um papel importante, mas não podemos nos ver como os únicos responsáveis pela mudança do mundo. A verdadeira mudança acontece quando trabalhamos juntos, reconhecendo que a Terra e o universo são muito maiores do que nossa visão individual.

A Terra é um ser coletivo, e nós somos parte desse ser, com a missão de contribuir com ações pequenas, mas significativas, para o bem de todos. Precisamos desconstruir a ideia de que somos os mais importantes e entender que, como pequenas partes de algo muito maior, devemos trabalhar coletivamente para construir um mundo melhor para todos.

A natureza e viver em harmonia

130. Instituímos, dessa forma, a Terra como um ser em uma construção diferente, sem possibilidade de locomoção como entendemos, mas que habita a vida, que promove a vida, que sustenta a vida, que é a base da vida e que também é vida. Logo, cada planta

constitui seres que fomentam a força desses seres que estão dentro da Terra, assim os humanos, assim os ditos animais, assim todos os elementos de vida, que concebemos ou não, na Terra. Todos vivendo em sua harmonia.

131. Já disse uma vez que o Deus que vocês concebem é caos e não harmonia. Harmonia não existe na criação. Porque para sobrevivência, os seres primitivos precisam se alimentar do corpo do outro, como muitos fazem dentro do seu corpo agora, que se alimentam de parte dos outros, de outros corpos para que haja a falsa ideia de harmonia. O que você concebe como saúde é na realidade uma briga intensa, um caos harmônico, pode-se dizer, dentro do seu próprio corpo. Então, Deus por si, nessa concepção, é caos.

132. Existe a necessidade da desconstrução para construção, mas isso não pode ser levado ao pé da letra na questão das guerras. Nas guerras, não há destruição para construção, há destruição por destruição. Não há necessidade, na atual concepção temporal na Terra, do homem se alimentar do corpo de outro homem, de um ser humano se alimentar de outro ser humano. Então podem muito bem dialogar e buscar soluções para que se sustentem na Terra. Há abundância para essa troca na Terra.

133. Contudo, o caos sempre existirá. Talvez, para esses, o caos ocorra no campo psicológico, mental, no campo da perspectiva para a desconstrução das ideias, na recomposição do ser de forma integral, mas as estrelas explodem e geram mais oportunidades de vida,

da mesma forma que elas, em algum momento, podem também implodir e gerar sucção de outras luzes ou outras formas de apresentação dessa criação da Força Criadora.

134. O caos é a base do que vocês concebem como Deus, contudo, a Força Criadora não é caos. Porque a Força Criadora não é nem bem e nem mal, é energia, é como o vento, é como a água, é como a árvore. O que é feito a partir das enchentes, das ventanias, dos furacões, das árvores que caem, é uma outra questão que não entra nessa dimensão de lógica da Força Criadora, tanto que, enquanto dito ao Fernando essas palavras, ele percebe perspectivas temporais e espaciais que podem ser bem desconhecidas no momento por vocês e chegam de forma fragmentada. Essas informações, ao chegarem até o conhecimento de vocês, também são realizadas em um período em que a Terra, como ser, está se locomovendo no espaço - e essa locomoção, essa trajetória, se perde no espaço também.

135. Sendo assim, tudo é movimento, toda a vida é movimento. Toda vida é continuar. Confie! Porque mesmo que não concordemos, a Força Criadora não vai parar de criar e de transformar.

136. Continuem, porque podem mudar algumas situações, mas o livre arbítrio não inclui todas as situações que podemos ocupar. Podemos talvez mexer no cômodo em que nós vivemos, mas não podemos mexer na estrutura social, na tecitura social. Compartilhem! Porque ao compartilhar, a necessidade de paz, a necessidade de concórdia, de compaixão e de troca para benefício da continuação da Terra como um ser também nos beneficia, tanto para nós mesmos

no momento, como, sendo ancestrais, para o desenvolvimento daqueles que virão depois.

Fátima nos traz neste trecho alguns pontos importantes na desconstrução de nossa perspectiva sobre a ideia que temos de nós e do outro.

A Terra como um Ser Vivo

A Terra é como um ser vivo, ainda que não se mova como nós. Ela é a base de toda a vida, abrigando e sustentando plantas, animais, humanos e formas de vida que nem compreendemos totalmente. Tudo está interligado, vivendo em uma espécie de equilíbrio.

A Ilusão da Harmonia Perfeita

A harmonia perfeita não existe. Na vida, há um tipo de “caos organizado”. Por exemplo, seres vivos precisam consumir outros para sobreviver, como acontece dentro do nosso próprio corpo. Isso cria a ideia de equilíbrio, mas, na verdade, é um conflito constante que mantém a vida funcionando.

Criação e Destruição: Ciclos Naturais

A destruição nem sempre é negativa. No universo, eventos caóticos, como a explosão de estrelas, geram novas oportunidades de vida. Assim, o caos é parte da criação. No entanto, a destruição causada por guerras, por exemplo, não constrói nada, só traz sofrimento e perdas desnecessárias.

A Força Criadora e o Caos

A Força Criadora, que muitos chamam de Deus, não é boa nem má — é energia pura. Assim como o vento, a água ou uma árvore, ela apenas existe, transformando e criando sem parar. O caos faz parte desse processo, mas ele não deve ser confundido com destruição sem propósito.

O Movimento da Vida

Tudo está em constante movimento e transformação, incluindo a Terra, que viaja pelo espaço. A vida nunca para, e isso é parte essencial do universo. A continuidade é inevitável, mesmo que não compreendamos totalmente.

Nosso Papel na Mudança

Embora não possamos controlar tudo, temos o poder de mudar algumas coisas, como a forma como nos relacionamos com a Terra e com os outros. Há abundância suficiente para que todos vivam bem, desde que dialoguemos e compartilhemos. A paz, a compaixão e a colaboração são fundamentais para garantir um futuro melhor.

Confie no Processo

A vida é movimento e continuidade. Mesmo diante do caos e das dificuldades, precisamos seguir em frente, confiando que a Força Criadora continuará transformando e criando. Cada pequeno ato de colaboração ajuda a sustentar o equilíbrio e beneficia as gerações que virão.

A Terra e a temporalidade

137. A Terra então, na temporalidade, se constitui em uma compreensão singular - e trago um exemplo: quando vocês falam de viagem no tempo, vocês falam em uma viagem para um espaço que não existe. Porque se eu voltar agora no tempo, nessa ideia como máquina do tempo, eu estou voltando a uma Terra que não se encontra mais naquele lugar, que já se modificou na expansão do universo. Desta maneira, com tudo que disse até o momento, eu trago uma nova ideia do ser na Terra, de que o movimento, a sua realidade e a sua perspectiva temporal ficam dentro do seu espectro de realidade, de magnetismo único.

138. O tempo percebido como um todo no universo é o agora e, na Terra, pode ser percebido o agora de antes e depois, contudo, cada orbe terá sua perspectiva de temporalidade nesta nova abordagem de ideias que trago referente à temporalidade de cada ser e de cada orbe. Então, não é voltar no tempo para um outro espaço. É que a Terra, como ser, faz parte de algo que está longe da compreensão do mundo físico nessa realidade temporal e que, pela perspectiva do Mundo Primeiro, tem uma temporalidade própria, enquanto outros planetas também têm sua própria temporalidade.

139. Eu confundo não para que haja confusão, talvez confunda para que haja uma tentativa de buscar o seu lado mais humilde e poder entender que, mesmo que você não compreenda a totalidade do que eu digo ou não concorde, essas ideias não são necessariamente absurdas.

140. “Mas o que eu ganho, então, ao compreender essas informações sobre a Terra? O que eu ganho, então, ao compreender que isso vai servir de mudança, já que essa perspectiva é do Mundo Primeiro e não o que ocorre na nossa terceira dimensão?” Você muda, porque a vida vivida por você não será experienciada como algo que se faz de qualquer jeito, mas pela importância de quem medita, mergulha, desconstrói, se recompõe, se reconstrói, observa e anda deixando sementes para o futuro.

141. A Filosofia de Fátima é, por isso mesmo, uma filosofia de vida, uma filosofia pela vida e uma filosofia para a vida. É uma filosofia de paz, porque promovemos a prática da vida, como vocês concebem, para que ela não se perca na destruição promovida por interesse mesquinhos e primitivos dos seres. Cabe informar que a Filosofia de Fátima (já que é esse nome que colocaram e Fátima é um pseudônimo) é uma Filosofia para a reconstrução de ideias que promovam a troca entre seres, a permanência da vida na Terra e a perpetuação desta oportunidade de migração entre os corpos durante os seres através daquilo que se concebe em seu tempo.

Fátima nos traz neste trecho alguns pontos importantes na desconstrução de nossa perspectiva sobre o tempo, aceitação e a própria ideia da Filosofia que deram o nome dela.

A Terra e o Tempo: Uma Perspectiva Singular

A Terra, dentro do tempo, é um conceito único. Quando falamos de “viagem no tempo”, pensamos em algo que não faz sentido na

realidade. Se voltássemos no tempo, encontraríamos uma Terra completamente diferente, já que ela está sempre mudando com a expansão do universo. Assim, o tempo e a realidade que percebemos são únicos e estão ligados ao nosso próprio ponto de vista e magnetismo.

O Tempo é o Agora

No universo, o tempo verdadeiro é o “agora”. Na Terra, conseguimos perceber um “antes” e um “depois”, mas isso é uma forma limitada de entender o tempo. Cada planeta ou corpo no universo tem sua própria forma de vivenciar o tempo, o que significa que o tempo não é o mesmo para todos os lugares ou seres.

Aceitar o Desconhecido

Essas ideias podem parecer confusas ou difíceis de entender, mas não são absurdas. A confusão não é para nos perder, mas para nos ajudar a sermos mais humildes e abertos a novas formas de pensar, mesmo que não compreendamos tudo de imediato.

O Valor de Compreender a Vida na Terra

Entender essas informações muda a forma como vemos nossa vida. Não devemos viver de qualquer jeito, mas com propósito. Isso significa refletir, aprender, se transformar e deixar um legado positivo para o futuro. Essa compreensão nos leva a valorizar nossas ações e escolhas.

A Filosofia de Fátima: Uma Filosofia pela Vida

A Filosofia de Fátima é um modo de viver que busca promover a paz e a preservação da vida. Ela nos ensina a reconstruir ideias e a criar conexões entre os seres. O objetivo é garantir a continuidade da vida na Terra e honrar o tempo que temos aqui. Essa filosofia nos inspira a viver de maneira consciente e a trabalhar pela harmonia, pela troca e pela perpetuação de tudo o que é essencial para a vida.

Parte III - O Universo

Outras formas de vida e diferentes orbes

142. Muitas vezes, os seres humanos não se dão conta da vastidão do Universo, não por desconhecerem que é vasto, mas por não verem utilidade, função prática e regras. Estão presos a ideias de aquisição de bens para a sobrevivência, para o acúmulo de riquezas e para algum tipo de demonstração pública de *status* ou de qualquer ideia de pertencimento a um grupo específico.

143. Quanto mais nos afastamos da perspectiva da vastidão do Universo, mais nos colocamos como centro de importância na Terra e na existência. Isto nos fragiliza intelectualmente ou nos distancia de uma solução, inclusive, mais objetiva. Existem tantas formas de vida em outros orbes e em outras perspectivas dimensionais... Mas não cabe a mim satisfazer a curiosidade do que seriam essas vidas e sim trazer uma reflexão. Estamos tão preocupados com a forma, com a etiqueta social, tão preocupados com pessoas que podem vir e tomar os empregos, quiçá de um país para outro, tão preocupados com territórios, que esquecemos de algumas perspectivas básicas.

144. A nós, que acreditamos na reencarnação, muitos daqueles que estão migrando, reencarnando, nascendo em corpos físicos na Terra, são seres de outros orbes, que, estando no Mundo Primeiro, decidem ir até a Terra para experienciar as emoções e sentimentos da Terra. Sendo assim, enquanto seres que vêm de outros planetas,

quando encarnam na Terra, eles deixam de ter a essência de seres de outros planetas? Eles são de outros territórios ou a partir do momento que ocupam um corpo físico, isso é suficiente para que estejam plenamente integrados a esta perspectiva terrena?

145. Essa reflexão é importante porque, da mesma forma que chegam, também saem muitos daqueles que vivem na Terra, que podem migrar no Mundo Primeiro para reencarnar em outros orbes com maior aperfeiçoamento tecnológico, às vezes, ou maior amadurecimento de perspectiva em relação a ideias de colonização e escravização ainda muito presentes em sua sociedade. As escolhas podem partir de origens muito distintas umas das outras.

146. A questão é que, mais uma vez, na ideia da reencarnação, se sairmos do contexto da Terra, quando olhamos para o universo, percebemos que existem tantas possibilidades de interações e estamos presos à ideia de que vamos reencarnar nessa roda de *samsara*, encarnando e desencarnando para cumprir demandas de culpa, enquanto estamos dentro da possibilidade de um universo que é percebido e tantos outros que existem e que não são percebidos ainda.

147. Então, o ser como o centro da Terra e centro do universo é um ser infantilizado, enquanto o ser que sabe que tem suas limitações e que está inserido em um composto de criação, em uma possibilidade de criação, de um universo fora da nossa compreensão de calcular e de tantos outros, nos coloca na perspectiva mais humilde, mais simples, mais assertiva para os fatos.

Fátima nos traz neste trecho alguns pontos importantes na desconstrução de nossa perspectiva nós, as encarnações e o universo.

A Pequenez Humana diante do Universo

Muitas pessoas sabem que o Universo é vasto, mas não refletem sobre sua grandeza porque estão presas às preocupações do dia a dia: acumular bens, garantir a sobrevivência, buscar status ou pertencer a um grupo. Essa mentalidade nos impede de enxergar o que é realmente importante.

O Egoísmo que nos Afasta da Realidade

Quando esquecemos a imensidão do Universo, nos colocamos no centro da existência, como se tudo girasse ao nosso redor. Isso nos torna intelectualmente limitados e nos distrai de soluções mais amplas. Em vez de refletirmos sobre a vida em outras dimensões ou planetas, ficamos presos a disputas por território, emprego e status, ignorando questões mais profundas.

Seres de Outros Mundos na Terra

Para quem acredita na reencarnação, muitos dos que nascem na Terra podem ser almas vindas de outros planetas. Esses seres vêm aqui para experimentar as emoções e os sentimentos únicos da vida terrena. Mas a questão é: ao encarnarem em corpos físicos na Terra, eles deixam de ser de outros mundos? Ou será que, ao ocuparem corpos terrenos, já estão totalmente integrados a essa nova realidade?

A Migração de Almas pelo Universo

Assim como seres de outros planetas encarnam na Terra, almas que viveram aqui podem reencarnar em outros planetas. Nesses novos lugares, podem ter experiências mais avançadas tecnologicamente ou aprender com sociedades mais maduras. As escolhas de reencarnação são complexas e variam de acordo com cada ser e sua trajetória.

A Reencarnação e a Roda de Samsara

Muitos acreditam que estamos presos à roda de samsara, reencarnando na Terra para resolver culpas e aprendizados. No entanto, o Universo oferece inúmeras possibilidades de interação e aprendizado, muito além do que conseguimos perceber. Estamos limitados por essa visão estreita, enquanto o Universo é repleto de dimensões e mundos ainda desconhecidos.

A Humildade diante do Universo

Acreditar que somos o centro da Terra e do Universo é um pensamento infantil. O verdadeiro amadurecimento está em reconhecer nossas limitações e aceitar que somos apenas uma pequena parte de algo imenso e incompreensível. Essa percepção nos torna mais humildes, mais simples e mais preparados para lidar com os fatos da vida de forma assertiva.

A construção da identidade como ponto de partida e a perda da identidade como destino final

148. Se faz importante falar que a construção da identidade como um ponto de partida deve ser entendida na Terra no sentido que a perda da identidade é o destino final para se lançar ao universo. O que quero dizer com isso é que estamos reencarnando de alguma forma, naturalmente, desconstruindo, se destituindo da ideia personalizada de identidade.

149. Enquanto vamos realizando isso nas migrações sucessivas, vamos percebendo a necessidade de novas experiências e acumulando essas experiências para uma perspectiva de perda de identidade, para se reconstruir em novas ideias, em novas limitações, em novas perspectivas temporais, em novos acertos, em novos erros, em nova reconstrução.

150. A vida física é, por assim dizer, uma grande ressignificação do ser. A vida do ser no Mundo Primeiro para o universo é a restituição desta ressignificação. Estar em contato com a Força Criadora é, definitivamente, tentar fazer de si algo melhor - e do mundo em que se vive algo melhor. Estar pleno dessa perspectiva no Mundo Primeiro, no mundo em que se vive, é tentar olhar como uma ponte para o universo para tentar ajudar na reconstrução de um universo melhor.

151. Quando se pensa como centro do universo, se pensa como os que desejam fazer a guerra e com o poder de utilização das bombas nucleares. Quando se pensa como um ser no Mundo Primeiro, com base para olhar o universo, entende-se o quanto nós dependemos da Terra e nos colocamos no lugar de humildade. Quando se pensa como centro da Terra e do universo, uma bomba nuclear ou termonuclear pode, por uma escolha, destruir a Terra inteira. Destruindo a Terra, destrói também todas as particularidades que levam ao centro de gravidade e de vida, em várias partes no sistema solar, na galáxia e em outras partes do Universo.

152. Mas quando se pensa como um ser no Mundo Primeiro com a perspectiva do universo, se pensa que as guerras são a pior coisa a se considerar e que a paz é a única meta, em linguagem assertiva, na possibilidade de construção ideológica para manutenção da vida na Terra, para a construção do ser como indivíduo na Terra e para que haja, também, a manutenção e existência do que concebemos em boa parte do universo.

153. Poderia me servir do termo egoísmo, poderia me servir desses termos que foram muito pautados dentro de composições ideológicas moralistas, mas estou preferindo sair dessa perspectiva para uma linguagem mais filosófica na qual aquele que me lê entenda a sua responsabilidade nesta atual existência. A Filosofia de Fátima é um meio para desconstrução das ideias limitantes, das ideias que permitem e facilitam a destruição do outro; para a reconstrução do que se realmente é e do que se pode fazer.

154. A Filosofia de Fátima é, antes de tudo, uma preparação para quem sabe, daqui a muitos e muitos séculos, uma base de oportunidade de pensar de várias formas diferentes, para quem sabe, assim, outros seres de outras galáxias possam vir, para que se comuniquem conosco, não com o viés da religião, não com o viés do positivismo científico quase religioso, mas pelo viés filosófico, que pode compreender o outro não pela forma, mas pela sua essência. Essa essência é a base de todos os seres do universo, seja em quais graus estiverem em sua forma de reagir e se comunicar com o outro.

155. Desta maneira, proponho que a Filosofia de Fátima, bem compreendida, lança uma ideia que não se sobrepõe às outras, mas se organiza, se adequa, como água, e permite que outras ideias venham e se reformulem, se refaçam e se reconstruam. Quem sabe esses mesmos seres, que acredito já viverem na Terra, sem serem percebidos e que nos visitam sem serem percebidos – eu não falo dos seres construídos pela Guerra Fria para atemorizar ou dar uma ideia falsa de poder dos adversários, mas falo daqueles seres que já nos visitam, de outros orbes.

156. Falo daqueles que querem se comunicar e ainda não podem. Falo daqueles que talvez tenham a possibilidade de se comunicar em uma linguagem que não esteja nem presa às necessidades de subsistência na Terra, mas principalmente uma linguagem que favoreça a troca, que favoreça a permuta de informações e que permita nos levar a lugares muito mais distantes do universo.

157. Enquanto pensarmos que o poderio tecnológico atual da Terra é suficiente para se proteger ou ocupar novos espaços no universo, nos isolamos do restante do universo, que pode, por assim dizer, permutar conhecimento e não necessariamente desejar conquistar ou destruir, como é dada a ideia por aqueles que colonizam desde o início dos tempos. Você, eu, todos nós, somos, antes de seres individuais ou da Terra, seres do Universo, seres da Força Criadora. Somos parte da Força Criadora! Com isso, a nossa responsabilidade é para com a vida, seja como ela for percebida por você.

158. Você é uma ideia!

Vivemos em um mundo onde a identidade e o propósito se tornam fundamentais para compreender nossa existência. Mas, à medida que expandimos nossa percepção para além do individual e do terrestre, percebemos que somos mais do que seres da Terra: somos seres do Universo, participantes de algo muito maior.

A Identidade como Ponto de Partida e Chegada

Nossa identidade é construída ao longo da vida, mas, ao mesmo tempo, se dissolve à medida que vivenciamos novas experiências. Isso acontece porque estamos constantemente nos transformando e acumulando aprendizados que nos permitem reconstruir quem somos. A perda da identidade personalizada é um caminho natural para nos integrarmos ao universo.

A Ressignificação da Vida Física

A vida na Terra é uma oportunidade para ressignificar o ser. Estar em contato com a Força Criadora significa buscar o aperfeiçoamento de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Nossa existência deve ser uma ponte para um universo melhor, onde as experiências terrenas nos ajudam a contribuir para algo maior.

O Perigo do Egocentrismo Humano

Quando nos enxergamos como o centro da Terra ou do universo, colocamos em risco a vida como um todo. Essa visão limitada alimenta conflitos e até a destruição, como a ameaça das armas nucleares. A destruição da Terra impactaria não só a nossa espécie, mas também o equilíbrio de vida em várias partes do sistema solar e do universo.

A Paz como Meta Universal

Pensar com uma perspectiva universal nos leva a compreender que a paz é a única solução sustentável. Guerras e destruições não constroem nada. A verdadeira evolução está na preservação da vida na Terra, na cooperação entre indivíduos e na construção de um mundo que permita a continuidade da existência.

A Filosofia de Fátima: Reconstruindo Ideias

A Filosofia de Fátima propõe uma desconstrução das ideias limitantes que fomentam a destruição. Ela incentiva a reconstrução de nós mesmos e do que podemos fazer pelo mundo. Mais do que uma ideologia, é um meio para preparar as bases para um futuro em que

diferentes formas de vida, de outros planetas ou galáxias, possam se comunicar conosco em essência, e não por formas ou preconceitos.

Uma Linguagem de Troca e Cooperação

O avanço humano não está em dominar o universo ou colonizar outros lugares, mas em criar uma linguagem que favoreça a troca de informações e conhecimento com outras formas de vida. Essa troca não deve ser baseada em poder, mas em colaboração para um bem maior.

Somos Seres do Universo

Antes de nos identificarmos como indivíduos ou habitantes da Terra, devemos nos reconhecer como seres do Universo, partes da Força Criadora. Isso nos dá a responsabilidade de preservar a vida em todas as suas formas e de contribuir para a harmonia universal.

Você é uma Ideia

Cada um de nós é mais do que um corpo físico ou uma identidade terrena. Somos ideias em constante evolução, participantes de um universo vasto e dinâmico. Ao entender isso, assumimos nosso papel como agentes de transformação e preservação, conectados à essência da Força Criadora.

A oração de Fátima²²

Ao olhar o Mestre, entendo o caminho que escolhi e peço humildade.

Ao sentir a Força Criadora, confirmo as leis inscritas em minha própria consciência.

Não me envergonho de mim, pois sou parte da luz. Antes, busco a força, esquecida em mim, para refazer meus atos e reconciliar-me com os que, possivelmente, fiz algum mal consciente ou inconscientemente.

Acredito que minha cabeça deva se abaixar para o Senhor das sucessivas vidas e erguer-se para as batalhas contra mim mesma.

Encontro nas árvores e plantas, irmãos mais novas.

Encontro nos animais, irmãos mais próximos.

Nos seres humanos, meus contemporâneos e nas consciências sem corpo, o meu inevitável próximo passo.

Construo minha essência na desconstrução de verdades absolutas e na apreciação da beleza da criação, como faziam os antigos filósofos.

Usufruo conscientemente da aquisição material que conseguir honestamente na vida física, mas sei que são bens passageiros e que levo para as demais existências apenas o fulcro do meu aprendizado.

²² Canalizada por Fernando Ben.

E, na tentativa de imitar o amor do Mestre, busco, no outro, o instante de respeito e cuidado que aprecio para mim. E trato-o com dignidade, sem realizar codependência.

Pois sei que cuidando do outro, cuido de mim, cuido do Mestre e cuido da sociedade em que vivo.

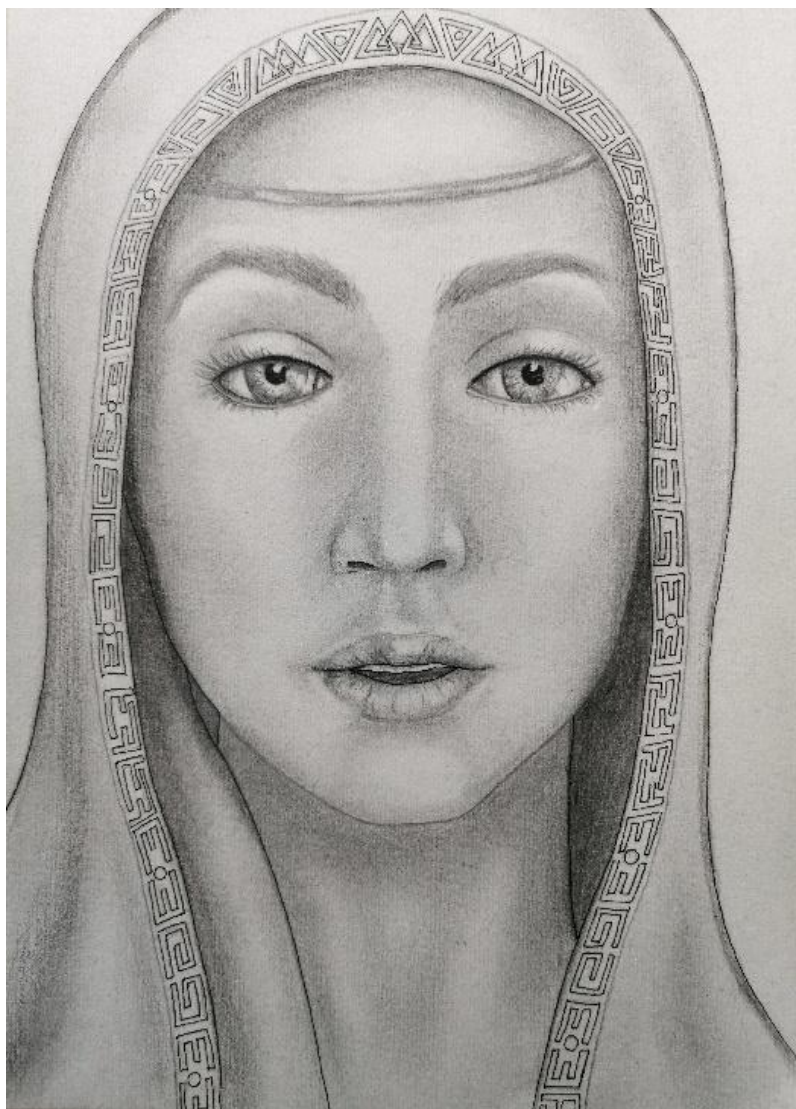
Agradeço meu despertar, agradeço meu instante de pensar livremente.

Pois não há prisão maior que repetir informações alheias e não alicerçadas como se fossem nossas.

Ao Mestre, meu amor.

À Força Criadora, minha gratidão.

E ao meu instante, de agora, que se configura eterno em sua natureza, apenas o meu desejo de recomeçar.



*Fátima na perspectiva mediúnica e pintura de Pedro Castro
(Barcelona - Espanha, 2021).*

Este livro foi canalizado e organizado por Fernando Ben, que há 31 anos canaliza as mensagens de Fátima.

A transcrição foi feita por Luíza Dutra.

A primeira análise e adaptação do texto feita por Indira Petit.

A segunda análise e adaptação do texto feita por Gabriel Falcão.

A correção de Texto foi feita por Rosana Andrade.

Arte da capa foi produzida por Lianny Maria Forte.

O Miolo e edição foi feita por Thais Ben.

Todos os colaboradores doaram seus direitos autorais para o Instituto do Estudo da Filosofia de Fátima e suas ações sociais.